

# XXII COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2014

## Programa

### SINOPSES E BIODADOS

Seia (Serra da Estrela)

ISBN: 978-989-8607-04-1



**APOIOS**

**CÂMARA MUNICIPAL DE**



**1. AICL PRINCÍPIOS E OBJETIVOS**

1. OS “COLÓQUIOS DA LUSOFONIA – AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA”, são um movimento cultural e cívico que visa mobilizar e representar a sociedade civil de todo o mundo, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa.
2. A Associação tem por objeto promover A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade.
3. Para a consecução destes objetivos compromete-se a
  - a) Promover encontros científicos, desenvolver estudos universitários e outros, para ensino, divulgação, preservação e tradução da língua portuguesa, procurando o apoio das Instituições nacionais e internacionais;
  - b) Desenvolver outras ações culturais, tais como colóquios, congressos, encontros, exposições, em estreita ligação com outras entidades;
  - c) Promover cursos e bolsas de estudo na área da Cultura em parceria com outras instituições universitárias e culturais;
  - d) Fomentar a divulgação de obras em português com reedições e traduções;
  - e) Criar grupos científicos ligados aos objetivos da Associação
4. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas humanitárias.
5. A todos nós incumbe o dever de promover a defesa, a expansão e o prestígio da nossa língua comum, patrocinando a publicação, a tradução e difusão por todo o mundo de obras literárias, científicas e artísticas, de autores de língua portuguesa.
6. Em defesa da Lusofonia, da nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiossincrasias,

A nossa divisa é **“NÃO PROMETEMOS, FAZEMOS “**

## **2. HISTORIAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE**

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental, Açores, Brasil, Macau e Galiza continua a negociar idas aos EUA, Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Polónia, Roménia, França e outros países.

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, “*I had a dream...*” para explicar como já realizámos vinte e um Colóquios da Lusofonia. Criados em 2001 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 2010 e cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos/as se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo (quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado/a), mas partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos.

Aliás, desde a primeira edição abolimos o sistema português de castas que distingue as pessoas pelos títulos apensos aos nomes. Esta pequena revolução tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação mais abrangente), e daí termos realizado o 21º colóquio numa praia... Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, ao contrário do mundo ocidental que confunde multiculturalismo com islamismo e outros *ismos*, temos definido a nossa versão de Lusofonia. Mas

o que entendemos como Lusofonia foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que por vezes parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se

*Pretendia-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes.*

Há algum tempo (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia,

*“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”*

*Posteriormente contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas*

só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português. Sabendo como o inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido, tal como Crystal afirma no caso do Cumbric, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal.

A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como *kingly* (Anglo-saxão), *royal* (Francês), e *regal* (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em

especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2001, queríamos patentear que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências.

Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas/Anais em DVD/CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio 2003 disse-se

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria.

Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real.

Urge pois apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

No 3º Colóquio 2004, cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se

*Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes. Este colóquio como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram.*

*Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.*

Em 2004, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio em 2005 sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste, escrevia-se

*“O português faz parte da história timorense. Não a considerar uma língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade,*

*língua e política educacional. A língua portuguesa “tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas” e é tanto mais plausível porque “o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense” e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial “não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico”.*

*“O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli”, afirma Hull. “A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa.”*

*Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para este 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe XIMENES BELO, e muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente Kay Rala XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.*

*Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso.*

*Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o tétum e vários dialetos”.*

*O objetivo destas iniciativas é “aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades”.*

*De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que “foi sobretudo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor”, e daí a relevância da presença do bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos. Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade*

timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste colóquio era o futuro do português em Timor. “O tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do inglês, o tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o tétum”.

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que “de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português”. Por isso “não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado. E a crescer nos restantes países”.

Em 2006 no 6º Colóquio

No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para

as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela região autónoma.

Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mía Couto) na Eslovénia. “Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcançá-lo ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.” Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades

ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se viu na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A R. P. da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os esses países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Uma das coisas mais importantes que a Austrália

me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

**Em 2007 no 8º colóquio** buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei ali formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto... a própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer.

Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por

muitos como uma extensão do ex-Império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Creemos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes todos/as aqueles que têm o Português como língua, seja língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal, nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios Anuais da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança como base entre 2003 e 2010, Seia em 2013 e 2014, Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), e nos Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-

12), Vila do Porto (2011), Maia (2013) e na praia, nos Moinhos de Porto Formoso em 2014.

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspectiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes:

Em 2007 no 8º colóquio atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

Em 2008 no 10º colóquio inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositadamente para dar “**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia**”. Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores).

A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Em 2009, nos 11º e 12º, definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu posteriormente.

Em janeiro de 2010 lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar online para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Também em 2010, o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a essa décima ilha açoriana que é Santa Catarina e Florianópolis.

Em Bragança no 14º colóquio, na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema "Ode ao Boeing 747" em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º colóquios, o qual já está no portal, disponível apenas para os associados.

Em 2011 no 15º colóquio, uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos embora sem resultados práticos. Nesse ano de 2011 no 16º colóquio, fomos pela primeira vez a Santa Mª, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além de apresentar a antologia bilingue de autores açorianos, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre

representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa, reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Mª João); Daniel de Sá; da ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Mª Josefina.

Em outubro 2012, no 18º colóquio, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações mas com fraca adesão de público.

Na Lagoa e na Galiza (2012) difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012).

Na Maia (2013) no 19º colóquio, lançaram-se vários novos projetos, a antologia no feminino (9 ilhas 9 escritoras), um cancionário, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade.

Em Seia (2013) no 20º colóquio, criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Doutora Zilda Zapparoli, grupo criado em 2002 e certificado

## **PROGRAMA com sinopses e biodados do XXII COLÓQUIO DA LUSOFONIA. SEIA setembro 25-29. 2014 – Página | 10**

pela Universidade de São Paulo e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa de CNPq – Brasil ([www.fflch.usp.br/dl/li](http://www.fflch.usp.br/dl/li)). O Corpus da Lusofonia será composto de textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos. A criação do Corpus da Lusofonia foi proposta por José Lopes Moreira Filho durante a sua comunicação ao 20º colóquio, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos.

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 20º colóquio ao apresentar temas de Álvaro Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Prosseguiremos com traduções de excertos de autores açorianos.

Tenta-se colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores) e lançamos no 21º colóquio mais dois dos nossos projetos: a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras” BRITES ARAÚJO, JOANA FÉLIX, JUDITE JORGE, LUÍSA RIBEIRO, LUÍSA SOARES, MADALENA FÉRIN, MADALENA SAN-BENTO, NATÁLIA CORREIA, RENATA CORREIA BOTELHO. Este 21º colóquio teve a particularidade de nos obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data prevista por haver excesso de oradores para o idílico local onde se realizou – a PRAIA DOS MOINHOS, PORTO FORMOSO. Este ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 - Brites Araújo), e publicaremos o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º colóquio além de tentar criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato.

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma? Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome,

e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

“É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%)” - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além destas “indústrias da língua”, há as ligadas a fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva

dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios... A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética. Solução-síntese: transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um micro Estado. As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!” A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!

Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

Refletimos sobre o que disse Martin Luther King: " *O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons...*"

**ATUALIZADO EM 17-06-2021**

Leia o MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO <https://www.lusofonias.net/aicl-projetos/projetos-aicl-2016.html>

### **3. TEMAS 2014 SEIA**

#### **TEMA 1 AUTORES E TEMAS DAS BEIRAS**

- 1.1. AUTORES E OBRAS (DE ABEL BOTELHO A VERGÍLIO FERREIRA E OUTROS/AS)**
- 1.2. FALARES DAS BEIRAS**
- 1.3. DA HISTÓRIA À TRANSMÂNICA E À GASTRONOMIA, UMA IDENTIDADE BEIRÃ**

#### **TEMA 2 LUSOFONIA: 800 ANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

- 2.1. LÍNGUA PORTUGUESA: 800 ANOS NO TEMPO E NO ESPAÇO**
- 2.2. A MULHER NAS LETRAS LUSÓFONAS**
- 2.3. LÍNGUA DE IDENTIDADE E CRIAÇÃO**
- 2.4. LÍNGUA PORTUGUESA NOS MÍDIA E NO CIBERESPAÇO**
- 2.5. ENSINO E CURRÍCULOS. CORPUS DA LUSOFONIA.**
- 2.6. POLÍTICA DA LÍNGUA**
- 2.7. LUSOFONIA NA ARTE E NOUTRAS CIÊNCIAS**
- 2.8. OUTROS TEMAS LUSÓFONOS**

#### **TEMA 3 AÇORIANIDADES**

##### **3.1. HOMENAGEM A AUTORAS DO ARQUIPÉLAGO DA ESCRITA**

**(AÇORES)** - BRITES ARAÚJO, JOANA FÉLIX, JUDITE JORGE, LUÍSA RIBEIRO, LUÍSA SOARES, MADALENA FERIN, MADALENA SAN-BENTO, NATÁLIA CORREIA, RENATA CORREIA BOTELHO

##### **3.2. OUTRA LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA**

**3.3. AÇORIANOS EM MACAU E EM TIMOR** – D. ARQUIMÍNIO DA COSTA, D. MANUEL BERNARDO DE SOUSA ENES, D. JOÃO PAULINO DE AZEVEDO E CASTRO, D. JOSÉ DA COSTA NUNES E D. PAULO JOSÉ TAVARES, ÁUREO DA COSTA NUNES DE CASTRO, JOÃO PAULINO DE AZEVEDO E CASTRO, JOSÉ MACHADO LOURENÇO, SILVEIRA MACHADO

##### **3.4. REVISITAR A LITERATURA DE AUTORES ESTRANGEIROS SOBRE OS AÇORES,**

- ASHE, THOMAS / HAYDN, JOSEPH (1813): HISTORY OF THE AZORES, OR WESTERN ISLANDS,
- BULLAR, JOSEPH / HENRY (1841): A WINTER IN THE AZORES:
- HENRIQUES, BORGES DE F. (1867): A TRIP TO THE AZORES OR WESTERN ISLANDS, BOSTON:
- ORRICO, MARIA "TERRA DE LÍDIA",
- PETRI, ROMANA "O BALEIEIRO DOS MONTES" E "REGRESSO À ILHA",
- TABUCCHI, ANTONIO, "MULHER DE PORTO PIM"
- TWAIN MARK (1899): THE INNOCENTS ABROAD, VOLUME I, Nova Iorque; LONDRES:
- UPDIKE, JOHN. "AZORES", HARPER'S MAGAZINE, MARCH 64, PP 11-37

#### **TEMA 4 TRADUTOLOGIA**

- 4.1. LITERATURA LUSÓFONA TRADUZIDA**
- 4.2. TRADUÇÃO DE E PARA PORTUGUÊS**

**4. SESSÕES CULTURAIS (MÚSICA/ARTE, etc.)**

1. RECITAIS
2. DANÇAS DE TIMOR [Grupo Danças Timor Furak e Grupo Le-Ziaval](#)
3. [SESSÕES DE POESIA](#)
4. [TEATRO](#)
5. [2 PASSEIOS CULTURAIS, “HERANÇA JUDAICA” + MUSEU DO BRINQUEDO + CISE \(Centro de Interpretação da Serra da Estrela\)](#)
6. MOSTRA DE LIVROS DA AICL/CALENDÁRIO DE LETRAS
7. LANÇAMENTO · ANTOLOGIA “9 ILHAS, 9 ESCRITORAS” HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO E COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS



**Coletânea  
de textos dramáticos  
de autores açorianos**

Helena Chrystello Lucília Roxo



**5. COMISSÕES 22º COLÓQUIO**

**COMISSÃO EXECUTIVA DO COLÓQUIO**

**PRESIDENTE**, Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios

**VICE-PRESIDENTES**,

1. Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores
2. Presidente da Câmara Municipal de Seia, Carlos Filipe Camelo Miranda Figueiredo
3. Alberto Trindade Martinho, Universidade Católica Portuguesa. Centro regional das Beiras

**VOGAIS:**

1. Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Seia, Cristina M Figueiredo Almeida de Sousa
2. Tiago Anacleto-Matias, Parlamento Europeu, Bruxelas, Bélgica
3. Anabela Naia Sardo, Diretora ESTH, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
4. Perpétua Santos Silva, ESE, I P Santarém
5. Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

**COMISSÃO CIENTÍFICA 22º COLÓQUIO DA LUSOFONIA - AICL –**

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL
4. Dra. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, Vice-Presidente da Direção da AICL, S. Miguel Açores, Portugal
5. Professor Doutor, Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal
6. Professora Doutora, Anabela Naia Sardo, Diretora ESTH, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
7. Dra. Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
8. Professor Doutor, Alberto Trindade Martinho, Universidade Católica Portuguesa. Centro regional das Beiras

## PROGRAMA com sinopses e biodados do XXII COLÓQUIO DA USOFONIA. SEIA setembro 25-29. 2014 – Página | 13

### SECRETARIADO EXECUTIVO

**PRESIDENTE:** Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

### ADJUNTOS:

1. Tiago Anacleto-Matias, Parlamento Europeu, Bruxelas, Bélgica
2. Anabela Naia Sardo, Diretora ESTH, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
3. Perpétua Santos Silva, ESE, I P Santarém
4. João Costa Simões Chrystello, ENTA – INOVA (Escola de Novas Tecnologias dos Açores) / Instituto de Inovação Tecnológica dos Açores), PONTA DELGADA
5. Rolf Kemmler, UTAD

### COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL 2013-15

1. Prof. Doutor João Malaca Casteleiro, Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Prof. Doutor Evanildo Cavalcante Bechara, Academia Brasileira de Letras, Brasil
3. Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), jornalista/tradutor, Presidente da Direção da AICL, Austrália
4. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, Vice-Presidente da AICL, S. Miguel Açores, Portugal
5. Prof.<sup>a</sup> Doutora M<sup>a</sup> do Rosário Girão (Dept.<sup>o</sup> Estudos Românicos) Univ. do Minho, Braga, Portugal
6. Prof. Doutor Rolf Kemmler, (CEL) Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) Vila Real, Portugal
7. Prof. Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal
8. Prof.<sup>a</sup> Doutora Anabela Naia Sardo, Diretora ESTH, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
9. Eduardo Bettencourt Pinto, escritor, Vancouver, Canadá
10. Prof. Doutor Manuel J Silva, Universidade do Minho, Portugal
11. Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
12. Prof.<sup>a</sup> Doutora M<sup>a</sup> Zélia Borges, Univ. Mackenzie, S. Paulo, Brasil
13. Prof.<sup>a</sup> Doutora Anabela Freitas (Mimoso), Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Porto, Portugal
14. Dr. Ângelo Cristóvão, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
15. Dr J H Álamo Oliveira, escritor, ex- DRC, Terceira, Açores
16. Dr Norberto Ávila, escritor, Lisboa, Portugal

### 6. LISTA ORADORES/PRESENCIAIS/CONVIDADOS/ORGANIZAÇÃO

1. AFONSO TEIXEIRA FILHO UNIVERSIDADE DE S. PAULO, BRASIL
2. ALBERTO T MARTINHO UNIV CATÓLICA, C R BEIRAS, CE, PORTUGAL
3. ALEXANDRE LUÍS UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, PORTUGAL
4. ANABELA NAIÁ SARDO ESC. SUP TURISMO & HOTELARIA/ PORTUGAL
5. ÂNGELO CRISTÓVÃO AGLP, GALIZA
6. ANTÓNIO PEREIRA PORTUGAL
7. CARLA SOFIA LUÍS UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, PORTUGAL
8. CARLOS LUNA ESC. SEC. RAINHA STA ISABEL, ESTREMOZ,
9. CAROLINA CORDEIRO PONTA DELGADA, AÇORES
10. CHRYS CHRYSTELLO PRESIDENTE AICL, AUSTRÁLIA/AÇORES
11. CONCEIÇÃO CASTELEIRO PORTUGAL
12. EVANILDO BECHARA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS/BRASIL
13. FÁTIMA MADRUGA PORTUGAL
14. FÁTIMA SALCEDO PORTUGAL
15. FRANCISCO MADRUGA EDITORA CALENDÁRIO DE LETRAS, PORTUGAL
16. HELENA CHRYSTELLO EBI MAIA, VICE-PRESIDENTE AICL AÇORES
17. ISA SEVERINO ESTH/I. P. GUARDA, PORTUGAL
18. ISAAC ALONSO ESTRAVIZ PROFESSOR/DICIONARISTA, AGLP, GALIZA
19. ISABEL ARAÚJO PORTO, PORTUGAL
20. MARIANA ARAÚJO CORREIA PORTO, PORTUGAL
21. TIAGO PORTO, PORTUGAL
22. JOÃO CARLOS LOEBENS PORTO ALEGRE, BRASIL
23. JOÃO MALACA CASTELEIRO ACADEMIA CIÊNCIAS DE LISBOA, PORTUGAL
24. JOÃO PAIXÃO MARTA PORTUGAL
25. JOSÉ AMARAL ADIDO CULTURAL BEM. TIMOR-LESTE LISBOA
26. JOSÉ ANTÓNIO SALCEDO EMPREENDEDOR, PORTUGAL
27. JOSÉ CARLOS TEIXEIRA UNIVERSITY OF BRITISH COLUMBIA, CANADÁ
28. JOSÉ JORGE DE MELO ESCRITOR, AÇORES
29. JOSÉ SOARES JORNALISTA, AÇORES/CANADÁ
30. JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS PORTO ALEGRE, BRASIL
31. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO CES, UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL
32. M<sup>a</sup> DO SOCORRO PESSOA BRASIL
33. M<sup>a</sup> HELENA ANÇÃ UNIVERSIDADE DE AVEIRO
34. M<sup>a</sup> MANUELA Ribeira Cascudo PROFESSORA, AGLP, GALIZA
35. M<sup>a</sup> PEREIRA CANADÁ
36. M<sup>a</sup> SEOANE DOVIGO ACADEMIA GALEGA AGLP
37. MÁRIO MELEIRO INST<sup>o</sup> POLITÉCNICO DA GUARDA, PORTUGAL
38. MARLIT BECHARA BRASIL
39. NORBERTO ÁVILA DRAMATURGO, PORTUGAL
40. PEDRO PAULO CÂMARA PROF., CASA DO POVO DE FETEIRAS, AÇORES
41. PERPÉTUA SANTOS SILVA CIES, IUL, PORTUGAL/ COMISSÃO EXECUTIVA

42. RAUL LEAL GAIÃO	PORTUGAL
43. ROLF KEMMLER	ALEMANHA
44. SUSANA TELES MARGARIDO	AÇORES, ESCRITORA
45. TATIANA GUZEVA	UNIVERSIDADE DE AVEIRO, RÚSSIA
46. Célia Graciela Do Rego Sarmento	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
47. Luísa De Marilac Hoflower Soares Pereira	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
48. Ivete De Fátima Sarmento De Oliveira	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
49. Márcia De Jesus Sarmento De Oliveira	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
50. Lúcia Maria De Fátima Costa Tilman	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
51. Laurinda De Sousa Santos Almeida	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
52. Virna António De Castro Nunes	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
53. Dioneia Domingas Antonieta Soares De Carvalho	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
54. Remington Rosário Ribeiro Soares	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
55. João Paulo Baptista Da Costa	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
56. Joanico Espanhol Pinto	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
57. Cornélio Mau	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
58. Victor Maria Lopes Granadeiro	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
59. Helder Luís De Jesus Ximenes De Oliveira	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
60. Lucélia Fátima De Jesus Araújo Henriques	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
61. Maria Josefina De Deus Da Cruz	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
62. Lisete Matos Gomes Pereira Da Rosa	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
63. José Maria Dos Santos Ximenes	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
64. Isabel Francisca	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
65. Piki Pereira	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK

**7. HORÁRIO DAS SESSÕES 25 A 30 set<sup>º</sup> 2014 – Casa Municipal Da Cultura, Av. Luís Vaz De Camões, 6270-484**  
**sessões abertas ao público, [ver horário aqui](#)**

#### **8. DISCURSO DE ABERTURA PRESIDENTE AICI**

- Exmo. Senhor Presidente da Câmara Dr **Carlos Filipe Camelo Miranda Figueiredo**
- **Senhora vereadora da cultura Dra. Cristina de Sousa,**
- **Senhora Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria Prof<sup>a</sup> Dra. Anabela Sardo**
- **Senhor Diretor do empreendimento da Quinta de Crestelo Professor Doutor Alberto Trindade Martinho aqui representado pela sua mulher Dra. Manuela Martinho**
- Exmo. Senhor Adido Cultural da Embaixada em Lisboa da República de Timor-Leste, Dr José Amaral,
- Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, Dr David Teixeira
- Senhora Vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Fundão, Dra. Alcina Cerdeira
- **Demais entidades, caros associados e colegas participantes**

Desde 2001 que é comum a estes discursos formais de abertura que principiem por uma curta resenha histórica do local onde o colóquio se realiza, de interesse redobrado para aqueles que a visitam pela primeira vez, Serei breve, salientando apenas que:

*Seia pertence ao Distrito da Guarda, Região Centro e sub-região da Serra da Estrela, tendo 5.700 habitantes, sendo a segunda maior cidade da sub-região, só superada pela Covilhã. Pertence à grande área metropolitana de Viseu e fica equidistante entre Guarda e Viseu. Aqui, se situa o ponto mais elevado de Portugal Continental e o segundo mais alto do país, apenas suplantado pela mágica Montanha do Pico, nos Açores.*

*A antiga cidade de Oppidum Sena, hoje Seia, foi fundada há cerca de 2400 anos, pelos Túrdulos, sendo apenas suplantada por Loriga que existe há mais de 2600 anos. O rei godo Wamba, que iniciou o seu reinado em 672, fixou os limites da diocese de Egitânia até aos domínios da cidade de Sena, que durante muito tempo foi dominada pelos Árabes, sendo reconquistada por D. Fernando Magno, em 1055, o qual mandou mandar edificar o seu castelo.*

*D. Teresa da Galiza e de Borgonha, no foral de Talavares, referiu-se à cidade nos seguintes termos: "D. Tarasia regnante in Portucale, Colimbria, Viseu et Sena [...]". (Trad.: D. Teresa, que reina em Portugal, Coimbra, Viseu e Seia (...)) e em 1132, o rei D. Afonso Henriques fez doação de Seia ao seu valido João Viegas por reconhecimento dos serviços prestados. O primeiro foral surge quatro anos depois, pelo mesmo monarca que a designa por Civitatem Senam (cidade de Seia). Outros forais se seguiram como o de D. Afonso II, em 1217, o de D. Duarte, em 1433, o de D. Afonso V, em 1479, e,*

finalmente, o de D. Manuel I, em 1510. No reinado de D. Sebastião, em 1571, foi fundada a Misericórdia.

Nos momentos decisivos da História de Portugal, Seia esteve sempre presente como aconteceu na Revolução de 1640, e foi também em Seia que se realizou, presidido por Afonso Costa, o último comício republicano antes da implantação da República em 1910. Dentre outras personalidades da vida pública e política portuguesa saliente-se que Álvaro Cunhal passou a infância em Seia, e aqui nasceram Afonso Costa e Almeida Santos.

Neste concelho estão localizados dois monumentos nacionais: as Antas de Paranhos e a Capela de São Pedro, em estilo românico, e antes que alguém me pergunte, dir-vos-ei que os seus habitantes se chamam senenses.

É com grande alegria que aqui regressamos graças aos apoios da Câmara Municipal e da Quinta de Crestelo na área logística, da SATA nas viagens, da Direção Regional das Comunidades dos Açores que nos permitiu trazer do Canadá, o especialista em Geografia Humana, José Carlos Teixeira, da Direção Regional da Cultura que acaba de anunciar um pequeno incentivo aplicável ao 21º e 22º colóquios, da Direção Regional de Turismo com a oferta de pequenas lembranças aos participantes e do Instituto Politécnico da Guarda através da sua Escola Superior de Hotelaria e Turismo e do incansável Dr Humberto Pinto que tem apoiado os nossos colóquios desde a 19ª edição. Para além deste devo realçar a presença do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, David Teixeira, que nos vai receber na Páscoa de 2016 e da Vereadora da Câmara Municipal do Fundão, Dra. Alcina Cerdeira, que nos receberá já em março de 2015 sem esquecer o prestimoso, eficiente e incansável António Pereira da Quinta de Crestelo nosso coordenador local.

Estamos muito agradados por aqui regressar depois do caloroso acolhimento que nos foi proporcionado no ano passado. **Estamos num momento particularmente feliz da nossa Associação pois temos já garantido local para os próximos 5 colóquios sendo o 23º no Fundão entre 27 e 31 de março 2015, o 24º vai pela primeira vez à ilha Graciosa entre 24 e 27 setembro 2015, o 25º irá pela primeira vez na Páscoa de 2016 a Montalegre e os 26º e 27º têm 4 locais candidatas e aguardam decisão.**

Desconheço quando, como ou porquê, se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia.

Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia com esta visão das mais abrangentes possíveis que visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que por vezes parece emanar de certas entidades. Ao aceitarem esta nossa visão

muitas pontes se têm construído, como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio.

Nos Açores desde 2006, os colóquios agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições. Pretendia-se divulgar a *açorianidade* não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde fizemos traduções de obras e excertos de autores açorianos, que ali são estudados em mestrados e doutoramentos.

*Sem darmos conta estávamos a fazer mais pela açorianidade que muitos governos regionais* no dizer do falecido escritor Daniel de Sá. Os colóquios tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando e vitalizando a açorianidade, registando já a presença de meia centena de autores insulares.

Em Seia, 2013, no 20º colóquio, criamos um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia sob a coordenação da Professora Dra. Zilda Zapparoli, certificado pela Universidade de S. Paulo e no 21º colóquio nos Moinhos de Porto Formoso, em abril 2014 decidimos dar seguimento aos projetos de musicar autores e poetas em versão clássica com a Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada, e daremos continuidade aos projetos de musicar em versão pop autores açorianos contemporâneos.

Iremos também dar início à recolha de material para o Cancioneiro da Maia com a Helena Chrystello, Madalena San-Bento e Joana Costa.

Um novo projeto surgiu nos Moinhos, que é o da didatização de textos açorianos destinados aos alunos do ensino básico e secundário, com a colaboração de Helena Chrystello, Lourdes Alfinete e de Graça Castanho bem como o projeto de tradução para esloveno de um conto infantojuvenil (LUNA) de Susana Teles Margarido pela nossa associada eslovena Barbara Juršič.

Iremos prosseguir com a publicação trimestral dos nossos Cadernos de Estudos Açorianos, estando disponível no nosso portal, a partir de hoje, o 25º caderno dedicado a Maria Luísa Soares, escritora incluída na Antologia 9 ilhas.. Neste 22º colóquio apresentaremos a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (com obras de Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a *antologia no feminino* “9 ilhas, 9 escritoras”, homenageando BRITES ARAÚJO, JOANA FÉLIX, JUDITE JORGE, LUÍSA RIBEIRO, LUÍSA SOARES, MADALENA FÉRIN, MADALENA SAN-BENTO, NATÁLIA CORREIA, RENATA CORREIA BOTELHO. Iguamente faremos o anúncio do vencedor do 2º prêmio literário AICL AÇORIANIDADE e será apresentado o livro vencedor do 1º prêmio.

Chamo a atenção especial, que muito nos honra, para a presença nesta mesa do adido cultural da embaixada de Timor-Leste em Lisboa, Dr José Amaral, conhecido escritor e músico, que aqui está, pois em boa hora o governo de Timor acedeu ao nosso pedido e apoiou a vinda de 20 membros dos Grupos

Timor Furak e Fundasaun Kultural Le-Ziaval que ao longo de 3 dias nos virão encantar com danças e música de Timor.

Lembro que em 2005, no 5º colóquio, fomos a única entidade, até hoje, a discutir e debater de forma científica a adoção da língua portuguesa como língua oficial em Timor com a presença de inúmeras individualidades como o ex-reitor da Universidade de Dili Benjamim Corte-Real, a embaixadora Pascoela Barreto, Prof. Barbedo de Magalhães e o Prémio Nobel, Monsenhor Ximenes Belo, que ainda o ano passado voltou aos nossos colóquios.

Ao longo dos anos têm sempre surgido comunicações sobre a jovem nação e dispomos de um considerável acervo de filmes e imagens no portal dos colóquios. Por último, é curioso salientar que quer eu quer o então Alferes miliciano Alberto Martinho, tenhamos vivido em Timor entre 1973 e 1975 onde lideramos o projeto local do jornal A Voz de Timor.

Como alguns de vocês bem sabem, dediquei a Timor mais de 24 anos da minha vida, sendo um dos jornalistas que mais escreveu sobre o tema entre 1979 e 1994, como poderão ler nas Atas onde se encontra a terceira edição da minha trilogia sobre a História de Timor e que decidi ofertar aos congressistas aqui presentes. Trata-se de uma compilação de três volumes, o primeiro lançado em livro no ano de 1999 com a presença e apresentação dos escritores Henrique Borges e da embaixadora Natália Carrascalão e os restantes em forma digital que agora se agrupam depois de edições eletrónicas e que têm mais de 3700 páginas.

Igualmente nas Atas, para além dos Anais deste 22º colóquio e de toda a informação a ele respeitante, encontrarão ligações para mais de 9900 imagens e vídeos sobre os Açores onde nos encontramos a residir desde 2005.

Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com a introdução da Geografia, História, Cultura e Literatura no currículo regional dos Açores quer com outras questões nacionais e internacionais que jamais deixamos de abordar, mas a realidade das nossas iniciativas e o êxito dos nossos projetos fala bem do sucesso desta nossa utopia.

Obrigado a todos, pois sem a vossa contínua participação ao longo dos anos, sem o vosso entusiasmo no apoio às nossas iniciativas, sem os vossos incentivos, nunca teria sido possível converter essa utopia nesta realidade que se chama Colóquios da Lusofonia.

e termino desejando que neste colóquio se possa, mais uma vez, cumprir um velho ditado chinês

O MEDIOCRE DISCUTE PESSOAS  
O COUMUM DISCUTE FACTOS  
O SÁBIO DISCUTE IDEIAS

## **9. SINOPSES E BIODADOS – ORADORES, PRESENCIAIS, CONVIDADOS E ORGANIZAÇÃO**

### **1. AFONSO TEIXEIRA FILHO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL**



**AFONSO TEIXEIRA FILHO**, Brasileiro, casado, 52 anos.

Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP).

Defendeu tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce. É tradutor profissional, tendo exercido até há pouco, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven (Lovaina), Bélgica.

Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Românica, sobre o romance ibérico, com atenção especial para a língua mirandesa.

[É SÓCIO DA AICL, JÁ PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO, GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO](#)

[TEMA 4.2. OS CAMINHOS DE BABEL, AFONSO TEIXEIRA FILHO, DOUTOR EM LETRAS E, PÓS-GRADUANDO PELO DEPTº DE LETRAS MODERNAS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO](#)

#### RESUMO

Antoine Berman, em *La traduction et la lettre*, trata do tema da retradução, como uma tradução de uma determinada obra, que serve de diálogo entre as traduções existentes dessa mesma obra e o original. De acordo com a definição dada por ele, a retradução parece, mais que um avanço da arte de traduzir, um retrocesso, pois esse tipo de tradução, por apegar-se à sintaxe do original, assemelha-se ao tipo de tradução que os gregos antigos faziam e denominavam metáfrase, ou seja, um texto a ser colocado à frente (ou abaixo)

## **PROGRAMA com sinopses e biodados do XXII COLÓQUIO DA LUSOFONIA. SEIA setembro 25-29, 2014 – Página | 17**

de outro texto. Era aquilo que chamamos hoje de tradução interlinear e que pode também ser chamada de tradução literal.

Berman, de fato, considera a retradução uma tradução literal, mas não por apegar-se somente às palavras, e sim por enfrentar os diversos recursos verbais do original.

Tratamos dessa mesma questão no XXI Colóquio da Lusofonia, mas consideramos, então, as diversas traduções do *Paradise Lost* de John Milton para o português. Desta vez, trataremos de nossa própria tradução desse poema, com o propósito de mostrar diversos problemas relacionados com a retradução. Como exemplo, temos os estrangeirismos. Se, de acordo com Berman, a tradução à letra permite preservar na tradução muito do sabor original, ela, por outro lado, faz com que a tradução perca muito do sabor local e, com isso, quase toda a sua musicalidade.

O que pretendemos mostrar é que existem diversos caminhos para se chegar a uma retradução sem recorrer a desvios sintáticos e sintagmáticos. Isso é possível graças, essencialmente, a duas coisas: 1. Ao enorme glossário da língua portuguesa, o qual é tão rico que nos permite, por exemplo, encontrar palavras que se assemelham foneticamente às palavras que traduzimos do original; 2. Ao uso de termos antigos ou arcaicos, pois as línguas assemelham-se mais umas às outras na origem.

Para este próximo Colóquio da Lusofonia, apresentaremos exemplos, retirados de nossa própria tradução, do uso desses dois recursos descritos acima..

### **2. ALBERTO DA TRINDADE MARTINHO, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS**

#### **BIBLIOGRAFIA RESUMIDA:**

- Sabugueiro, uma aldeia da Serra da Estrela, 1972, Universidade Técnica de Lisboa, ISCSPU
- As voltas que o fio dá: um caso de luta dos trabalhadores nos têxteis, Guarda, Ed do Autor, 1977. - 153 p.
- O pastoreio e o queijo da serra, 1978, Parque Natural da Serra da Estrela
- O queijo da Serra: subsídios para a demarcação da região, Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1980, 235 p.
- O pastoreio e o queijo da Serra, 2ª ed., Parques Naturais, 3, Lisboa, Parque Nacional da Serra da estrela, 1981. - 125 p.
- Les enfants d'immigrés portugais "Cá e lá", Série migrações. Sociologia, Porto, Centro de Estudos da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1986. - 533 p.
- Culatra: um lugar de pescadores, Parques naturais, 11, Lisboa, Serviço nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1982, 160 p.

- Alcofra e a sua gente: estudo monográfico, Alcofra, Junta de Freguesia, Casa do Povo, 1999. - 146 p



**COORGANIZADOR DO 22º COLÓQUIO**  
**MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA E CIENTÍFICA**  
**TEMA 1.3. O QUEIJO E A TRANSMÂNICA NA ROTA JUDAICA NAS**  
**BEIRAS**

**(TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO NO PRAZO)**

**ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA AUSENTE - SERÁ REPRESENTADO POR MARIA DOVIGO**



**É SÓCIO DA AICL. PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2006, 2007, 2009,2010,**  
**GALIZA 2012, MOINHOS 2014**  
**EM SEU NOME SERÁ FEITA, POR MARIA SEOANE DOVIGO, A ENTREGA**  
**DO PRÉMIO MEENDINHO À AICL VENCEDORA DA EDIÇÃO 2014**

**3. ALEXANDRE LUÍS E**

**4. CARLA SOFIA LUÍS, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**



**Alexandre António da Costa Luís** nasceu no Canadá. É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Geraldês Freire*. Obteve os graus de mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de doutor em História, especialidade de História dos Descobrimientos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na Universidade de Coimbra. É Professor Auxiliar e Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. É Investigador Integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Secção de História) e Sócio da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Da lista das suas últimas publicações, destacamos *O Portugal Messiânico e Imperial de D. João II na Oração de Obediência dirigida a Inocêncio VIII em 1485*, LusoSofia:press, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2013; *Algumas Páginas sobre Língua, Cultura e História Portuguesas*, Fundão, Edição: Grafisete, com o apoio da UBI e da AICL, 2013 (elaborado com Carla Luís); *Portugal-África: mitos e realidades vivenciais e artísticas*, Alexandre António da Costa Luís e outros (coord.), Covilhã, UBI, com o apoio da FCT, 2012, onde é também o autor do capítulo “A África na Política Joanina de Consolidação da Independência Portuguesa – o caso da tomada de Ceuta (1415)”, pp. 187-214; “O Papado perante a Expansão Portuguesa: o significado político da bula *Romanus Pontifex* (1455)”, in José M<sup>a</sup> Silva Rosa (org.), *Da Autonomia do Político: entre a Idade Média e a Modernidade*, Lisboa, Documenta, com o apoio da FCT, 2012, pp. 269-288; “Cavaco Silva e as Eleições Legislativas de 1985: uma introdução”, *UBILETRAS*, n.º 3, Covilhã, 2012, pp. 141-165; “Uma Potência em Ascensão: Portugal à luz do discurso proferido por D. Garcia de Meneses perante o Papa Sisto IV (1481)”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org.), *Representações da Portugalidade*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 243-263.

**SÓCIO DA AICL. PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012 E 20º**

**SEIA 2013**

**Carla Sofia Gomes Xavier Luís Carla Sofia Gomes Xavier Luís** nasceu em Lamego, em 1977. É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela Universidade da Beira Interior e doutora em Letras (Linguística Literária Portuguesa) pela mesma instituição. É Professora Auxiliar no Departamento de Letras da UBI e Investigadora no LabCom.IFP. É Coordenadora do Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira (CAPLE) da UBI, Membro da Comissão Científica da *Revista Egítania Scientia* e Membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras. Da lista das suas últimas publicações, destacamos os livros *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio*, Vila Real, Centro de Estudos em Letras e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, (com o apoio da FCT), 2011, 445 páginas, *Algumas Páginas sobre Língua, Cultura e História Portuguesas*, Fundão, Grafisete, 2013 (em parceria com Alexandre António da Costa Luís), *Mário Cláudio e a Portugalidade*, Carla Sofia Luís, Alexandre Luís e Miguel Real (org.), Lisboa, Editora Esfera do Caos (em vias de publicação), os capítulos de livro “Mário Cláudio: Nauta e Guardião da Portugalidade”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org.), *Representações da Portugalidade*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 57-80 e “Espelhos de África na Obra Narrativa de Mário Cláudio: os casos de *Tocata para Dois Clarins* e *Peregrinação de Barnabé das Índias*”, in *Portugal-África: Mitos e Realidades Artísticas e Vivenciais*, coord. Carla Sofia Luís, Alexandre Costa Luís, Cristina Vieira, Domingos Nzau e José Manso, Covilhã, Universidade da Beira Interior, (com o apoio da FCT), 2012, pp. 27-51, “Um Breve Olhar Sobre a Vida e Obra de Mário Cláudio”, in *A Dinâmica dos Olhares. Um Balanço de um Século de Literatura e de Cultura em Portugal (1912-2012)*, Lisboa, CLEPUL (entregue para publicação), bem como a entrevista a Mário Cláudio, em parceria com Annabela Rita e Miguel Real, *Revista Letras com Vida*, Lisboa, CLEPUL (entregue para publicação).

**SÓCIO DA AICL. PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012 E 20º EM**

**SEIA 2013**

**TEMA 2.1 VALORIZAR O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA CIENTÍFICA INTERNACIONAL: UMA ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA ELEMENTAR.**  
**ALEXANDRE ANTÓNIO DA COSTA LUÍS - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E CENTRO DE HISTÓRIA DA SOCIEDADE E DA CULTURA DA UNIV. DE COIMBRA,**  
**ALUIS@UBI.PT - CARLA SOFIA GOMES XAVIER LUÍS, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E LABCOM.IFP DA UBI, CXAVIER@UBI.PT**

Com o presente trabalho, pretendemos enfatizar a importância de se enveredar por uma política científica e linguística apostada na valorização e na afirmação do português como língua científica internacional. Sem negarmos o estatuto atual do inglês como *língua franca* e hegemónica da ciência, papel outrora desempenhado por outras línguas, especialmente pelo latim, o simples facto de o português integrar a curta lista de “línguas mundiais” implica, necessariamente, que seja potenciado nas suas diversas vertentes, não apenas como língua de cultura, de diplomacia, de negócios, entre outras, mas também de conhecimento e de ciência, não menosprezando, assim, a sua dimensão plurissecular, histórica e patrimonial neste campo ou a especificidade de algumas áreas (as humanidades, por exemplo), bem como conservando e tirando o máximo partido dos seus variados recursos. No fundo, num mundo pautado, de forma crescente, pelo fenómeno da globalização, qualquer língua que aspire reforçar plenamente a sua internacionalização e capacidade de gerar/transmitir inovação deverá desenvolver toda a sua habilidade ou força comunicativa, inclusive como língua de ciência, contribuindo, deste modo, e a título exemplificativo, para o engrandecimento quer do pensamento quer da influência do bloco linguístico que lhe está associado. Enfim, trata-se, sem dúvida, de uma orientação estratégica elementar, pelo que Portugal e os restantes países lusófonos, sem negligenciarem a presente valia do inglês em matéria de produção e circulação de conhecimento científico, não podem encarar a questão da comunicação científica e académica da mesma maneira que outros que não usufruem de uma língua materna, nacional ou oficial de expressão ecuménica. Há, pois, lugar no universo da ciência, de fronteiras ilimitadas, para conferenciar em várias línguas, urgindo, sim, investir na multiplicação de canais e instrumentos indispensáveis à boa consecução deste desiderato.

Como refere Ana Paula Laborinho, Presidente do Instituto Camões, “há espaço na ciência para comunicar nas várias línguas, não desprezando o português” (*In Língua Portuguesa como Língua de Ciência e Inovação é Objetivo da CPLP, 2013*). Justamente, o artigo que se segue constitui um breve exercício de reflexão e de consciencialização em prol da importância de se enveredar por uma política, nas áreas científica e linguística, devidamente concertada, estrategicamente apostada na valorização e na afirmação do português, enquanto língua mundial, em todos os domínios da vida humana, inclusive no campo da comunicação científica internacional. No entanto, como é fácil de perceber, a efetivação deste desiderato implica um esforço coletivo, logo o envolvimento de vários atores, tais como os governos dos países lusófonos, a CPLP, as universidades, os organismos científicos (entre outros, a FCT), as empresas, todos os agentes que estejam interessados no idioma, a sociedade civil em geral. Se não incentivarmos o emprego da nossa língua, obviamente que ela acabará por possuir menor relevância. O grande desafio está em definir uma

política científica que possa não só garantir bons resultados em termos de convergência internacional, mas também assegurar a manutenção e o fortalecimento da nossa especificidade identitária. Explícite-se que o português tem uma responsabilidade sobre perto de 300 milhões de pessoas, servindo, portanto, uma vasta comunidade que, no fundo, ostenta vários direitos, entre os quais, a título exemplificativo, o direito de receber informação, incluindo científica, no seu idioma, que suporta a sua educação, consagra a sua identidade e desenvolve o seu pensamento.

Ao defendermos o aumento do peso do português no domínio da comunicação científica, não se pretende desvalorizar o carácter utilitário e pragmático da actual *língua franca* e dominante da ciência, o inglês (papel que é, em larga medida, resultante da forte dominação científica dos EUA), que permite, com assinalável eficácia, a intercompreensão entre cientistas das mais diversas proveniências, americanos, africanos, asiáticos, europeus, etc., confirmando-se, pois, que a perfilhação de um idioma comum favorece claramente o avanço científico, permite o intercâmbio do conhecimento e promove as relações entre cientistas à escala global. Não se trata igualmente de assumir uma posição de «patriotismo linguístico» radical, já que, com o sistema/edifício da ciência cada vez mais globalizado, as escolas ditas nacionais perdem irremediavelmente influência, e muito menos de disputar a liderança à língua inglesa, sobretudo porque, usando uma linguagem de inspiração militar, seria uma batalha sem sentido, perda e ingloria. Mas somos da opinião de que o actual paradigma, em certas situações algo fundamentalista e deformador, deve registar determinadas alterações. Cremos, pois, que o melhor caminho passa por cultivar uma política científica mais flexível, até porque podemos apresentar razões objetivas e elementares que justificam a valorização do português como língua de ciência, inclusive internacional, alimentando, repita-se, não uma competição com o inglês, mas, sim, definindo espaços próprios de aplicação ou de coabitação, neste particular de abertura ao bilinguismo, por exemplo, ajustando-se este rumo, menos rígido, muito melhor à especificidade de variadas matérias tratadas, bem como aos públicos-alvo.

Refira-se que a dimensão de uma língua não se expressa apenas pelo número de falantes ou pelo nível de protagonismo dos mesmos, mas também pela relevância dos conteúdos aos quais ela permite aceder, como é o caso da ciência inovadora. Ou seja, a expressão/utilidade internacional de uma língua sai naturalmente enriquecida com a sua presença nos campos da produção e da difusão técnico-científica, reforçando, deste modo, a sua cota de influência, elemento que não deve ser menosprezado, mais ainda quando se vive numa era largamente caracterizada pelo fenómeno da globalização. No seio de um mundo global e de um século amplamente voltado para a sociedade do conhecimento e a economia do conhecimento, esta orientação estratégica, dirigida para a valorização do português como língua de comunicação científica, torna-se ainda

mais vital para combater os riscos de mutilação do potencial que aufero o nosso idioma. Com efeito, o não-investimento no português como língua de ciência enfraquece necessariamente a sua capacidade de abarcar toda a realidade do Mundo (veja-se, aliás, que a nossa vida está crescentemente rodeada pela ciência), limitando, por conseguinte, entre outros aspetos, a sua competência, a sua funcionalidade, o seu valor económico, vertente cada vez mais estudada, enfim, o seu prestígio internacional. Usufruir de uma linguagem científica própria é fundamental se pretendermos que os falantes de um idioma, no nosso caso o português, sejam capazes de contemplar e compreender o Mundo e fazê-lo, ademais, com sentido de identidade, de afeto e de pertença. Adite-se ainda que apostar no incremento do uso do português, designadamente no âmbito da divulgação técnico-científica, pode ajudar a nossa sociedade a aprofundar o gosto e o suporte que presentemente fornece à ciência e à tecnologia. Efetivamente, graças a uma comunicação atrativa, próxima e direta, que está ao alcance da língua portuguesa, é possível elevar o grau de esclarecimento da sociedade, fazendo, por seu turno, com que esta última acabe não só por favorecer o aumento do nível de investimento nessas áreas, como também por contribuir para a multiplicação do número de investigadores e inventores, fatores geradores de desenvolvimento e, portanto, de modernização.

Na verdade, não podemos esquecer que o português integra a curta lista de “línguas mundiais”, o que implica, desejavelmente, que seja potenciado nas suas diversas vertentes, não apenas como língua de cultura, de diplomacia, de negócios, entre outras, mas também de conhecimento e de ciência, não menosprezando, assim, a sua dimensão plurissecular, histórica e patrimonial neste campo ou a peculiaridade de algumas áreas (as ciências sociais, as humanidades, por exemplo), bem como conservando e tirando o máximo partido dos seus variados recursos. Se olharmos para a CPLP, marcada por um idioma e numerosos valores comuns, assim como por uma história em muito partilhada, torna-se indiscutível que existem objetos de investigação próprios desse bloco linguístico, ou seja, bastante familiares e cujo interesse diz respeito a todo o conjunto, devendo o seu estudo ser preferencialmente fomentado em língua portuguesa, por ser a língua de união. Outro tanto se aplica à análise das questões de caráter local ou nacional que, pela sua relevância, apenas importam a uma audiência que não vai além desses âmbitos e, como já se frisou, à divulgação científica, indispensável à elucidação da sociedade.

Já agora, falando precisamente no mundo lusófono, repare-se, por exemplo, na evolução das antigas colónias portuguesas de África, onde, em termos gerais, estão a ser movidos esforços a fim de robustecer o número e a consistência de certas ferramentas e infraestruturas técnico-científicas, tais como universidades, centros de pesquisa, academias. Entre outros aspetos, ninguém poderá negar que muitos destes locais de trabalho têm contribuído

ainda mais “para dar ao desenvolvimento do pensamento sócio-científico em português uma perspetiva de relevância global futura” (Cabral, 2007: 233).

Como muito bem refere Ivo Castro, a internacionalização de uma língua entende-se como “o conjunto de processos pelos quais uma língua nacional se transforma em língua de vários países; ou é escolhida por cidadãos de outros estados como língua segunda ou língua estrangeira. Em qualquer destes sentidos, é claro que a língua portuguesa é uma língua internacional” (Castro, 2009: 1). Aliás, o português, mas também o espanhol constituem, como nos diz Mário Vieira de Carvalho, “duas das línguas europeias mais globalizadas” (Carvalho, 2013), isto devido aos “numerosos países que as adotam como línguas oficiais, pela sua expansão através [das] comunidades espalhadas pelo mundo, pelos múltiplos departamentos de estudos portugueses e espanhóis em universidades europeias, norte-americanas ou asiáticas” (Carvalho, 2013).

Note-se que o português, outrora língua franca e companheira do Império, vive, no presente século, um momento de franca expansão. Embora a posição que ocupa presentemente nas listagens das línguas com maior número de falantes oscile com base nos critérios das organizações que os realizam, nos últimos anos é bastante comum afiançar-se que constitui a terceira língua mais falada no espaço da civilização ocidental, a seguir ao espanhol e ao inglês, e a sexta mais falada em todo o Orbe, situando-se, por conseguinte, à frente do francês e do alemão (Fernandes, 2008: 301). Aliás, ainda sem contarmos com a Guiné Equatorial, como é sabido, recentemente integrada na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, “os 250 milhões de falantes do português representam cerca de 3,7% da população mundial e detêm aproximadamente 4% da riqueza total. Os oito países de língua oficial portuguesa ocupam uma superfície de cerca de 10,8 milhões de quilómetros quadrados, representando 7,25% da superfície continental da Terra” (Reto, 2012: 58).

Sem dúvida que são vários os organismos e associações que têm levado a cabo um trabalho muito meritório, dando continuidade à afirmação internacional do português. Sem minorarmos o trabalho desenvolvido por outras entidades, tomemos como exemplo o conhecido labor movido pelo Instituto Camões (IC), designadamente no âmbito do ensino da língua e da divulgação da cultura lusitana. Com efeito,

“a rede de leitorados, centros de língua portuguesa e centros culturais do IC está presente em dezenas de países de todos os continentes e constitui um poderoso meio institucional de promoção do português como língua global. Essa rede de instituições tem tido um crescimento acentuado ao longo dos anos. Entre 2003 e 2010 os países abrangidos passaram de 41 para 72 e a generalidade dos indicadores de atividade do IC no estrangeiro aumentaram significativamente” (Reto, 2012: 55).

Ademais, importa relevar, até pela sua crescente pertinência, a apreciável propagação que o português tem vindo a registar no Ciberespaço. Como é do conhecimento geral, “no Ciberespaço, a língua portuguesa posiciona-se no quinto lugar em número de utilizadores (Observatório da Língua Portuguesa, 2013), sendo que os utilizadores do Brasil ocupam a quinta posição nesse espaço” (Guzeva, Gomes, Macário e Ançã, 2013: 174). No caso concreto do Facebook, por exemplo, o português alcançou um crescimento assinalável em número de falantes entre 2010 e 2012, ocupando, na atualidade, o terceiro lugar no âmbito da listagem das línguas mais faladas nessa rede social, logo a seguir ao inglês e ao espanhol, com um total de 58 539 940 falantes (Socialbakers, 2012). Tatiana Guzeva, Belinda Gomes, Maria João Macário e Maria Helena Ançã salientam que

“a presença da língua portuguesa no Ciberespaço ocupa, então, um lugar cimeiro e essa realidade tem, naturalmente, um impacte no valor que lhe é atribuído. De facto, o Ciberespaço faz parte da vida de milhões de utilizadores por todo o mundo e em constante crescimento, ligando-os em rede e permitindo-lhes comunicar, colaborar, partilhar, construir conhecimento e desenvolver competências” (2013: 174).

Feitos estes reparos, todos são unânimes em afirmar que a “língua é um património tanto mais valioso quanto mais parceiros, mais utilizadores, ela tiver”, constituindo “um super bem público, já que a partilha aumenta o seu valor”, como referiu José Paulo Esperança durante o 1.º Ciclo de Conferências do Observatório da Língua Portuguesa sobre “O Valor Económico da Língua Portuguesa” (Observatório da Língua Portuguesa, 2011). Do nosso ponto de vista, ao vetor número de falantes, urge adicionarmos, entre outros dados, o das áreas que são manejadas através desse idioma, sendo o da ciência, sem surpresa, um dos mais apetecíveis e relevantes.

Ou seja, num mundo pautado pelo fenómeno da globalização, qualquer língua que aspire reforçar plenamente a sua internacionalização e capacidade de gerar/transmitir inovação deverá, compreensivelmente, desenvolver toda a sua habilidade ou força comunicativa, inclusive como língua de ciência, figurando em revistas científicas com indexações e bases de dados oficializadas, e não só, contribuindo, deste modo, e a título exemplificativo, para o engrandecimento quer do pensamento quer da influência do bloco linguístico que lhe está associado. Precisamente, no entendimento de destacados investigadores, a língua portuguesa afirma-se fundamentalmente pelos seguintes aspetos: “pelo número de falantes de língua materna, pelo número de países de língua oficial portuguesa, pela presença e crescimento na Internet e na Wikipédia, pela cultura, sobretudo ao nível da tradução de originais produzidos noutros idiomas e, mais recentemente, na ciência, com um forte crescimento da produção de artigos e revistas científicas” (Reto, 2012: 58).

Muito nos apraz constatar o facto de Luís Reto não deixar de mencionar o “forte crescimento da produção de artigos e revistas científicas” operado, o que indicia a existência já de alguma noção de que, para se realizar uma cabal internacionalização da língua e o aumento integral do seu valor, com os inevitáveis benefícios daí decorrentes, tem necessariamente de ser equacionada a questão da língua científica de comunicação.

Assim, por tudo quanto foi dito, não admira que, para Ivo Castro, linguista de renome, importa colocar, com determinação, na agenda académica e política dos países da CPLP a questão da língua portuguesa enquanto língua de ciência, logicamente com o intuito “de defender um território, um património e uma herança”, adiantando ainda que esta “é a obrigação de quem se dedica ao português, não é o desistir do que é o português, não é desistir por Portugal, mas é o de se bater pela manutenção dos nossos recursos”, entendendo que estes “são essenciais para a produção de ciência em língua portuguesa, visto que “pensar ciência em português não é o mesmo que pensar ciência noutra língua”. Afinal, “se estivermos na pele da nossa língua temos recursos criativos e de definição que não temos se estivermos em tradução” (In Língua Portuguesa como Língua de Ciência e Inovação é Objetivo da CPLP, 2013).

Seja como for, são muitas as vantagens do uso do inglês como língua franca da comunicação científica. Até por ser multiplicador de redes de relação e de intercâmbio, tem vindo a possibilitar um melhor funcionamento da comunidade científica, sem dúvida cada vez mais conectada e internacionalizada. Tem operado como um instrumento facilitador da inclusão nessa comunidade e impulsionador de crescente mobilidade ao nível dos investigadores, circunstâncias que têm permitido a diminuição de um tipo de trabalho exclusivamente individual, quase omissos. Por outras palavras, sem uma língua dominante do sistema científico internacional, papel desempenhado atualmente pelo inglês, e outrora, por exemplo, pelo latim, muitos estudos, por muita qualidade e rigor ostentados, estariam confinados a uma dimensão de consulta meramente local, regional ou nacional.

Mas, como “não há bela sem senão”, podemos, também, apontar várias desvantagens, mormente no que diz respeito às humanidades e ciências sociais, do uso do inglês e do modelo de avaliação da produção científica em voga, de marca manifestamente anglo-saxónica e largamente inspirado nas ciências físico-naturais. Com efeito, os investigadores sociais e das humanidades acabam por ter de usar alguns procedimentos, regras, modos de trabalhar demasiado forçados para o seu campo de intervenção, nem sempre respeitadores das particularidades, da tradição e da existência de níveis de excelência que as citadas áreas exibem. Ocorre assim, e sem espanto, perda de riqueza cultural e de diversidade. Olhando para a questão das bibliometrias científicas em vigor, é, aliás, possível constatar que nem sempre estão centradas na relevância dos conteúdos. Na verdade, em nome de uma avaliação

mais objetiva e rigorosa, liberta do preconceito de se conceder, logo à partida, maior validade a um texto redigido em inglês do que noutra língua, somos da opinião de que deveríamos promover bibliometrias complementares, menos subjugadas a esta língua hegemónica da comunicação científica e menos ligadas a um tipo restrito de publicações que se encontram indexadas em determinadas bases de dados. Deste modo, pode mesmo dizer-se que o grande problema do português como língua científica não se encontra tanto no observado, ou no trabalho que se desenvolve, mas, sim, no observador e no género de exame estereotipado que é utilizado.

No amplo e heterogéneo campo das ciências sociais, a realidade é, de facto, muito peculiar, não podendo obedecer na plenitude ao modelo das ciências físico-naturais, que tende a limitar a produção científica a um único meio (artigos em revistas de impacto), desvalorizando a redação de livros ou monografias, e à língua inglesa. No fundo, antes de mais, há que pensar na natureza dos objetos de análise, se estão mais ou menos ligados a uma determinada sociedade, à realidade local e a legados culturais específicos (logo linguísticos), mas também no público-alvo, ou seja, qual a função e os objetivos que se pretendem atingir e, conseqüentemente, para quem se destinam os textos, recordando sempre que vivemos numa sociedade de informação e do conhecimento e que, por cá, o português é a nossa língua identitária. Como Emilio Lamo de Espinosa refere, “el propósito define el público objetivo y este define la lengua que se utiliza” (*In El Español, Lengua de Comunicación Científica, 2013: 423*), apontando para a necessidade de as ciências sociais serem bilingues. Por esta ordem de ideias, explica o mencionado autor, um cientista social enfrenta um duplo desafio: por um lado, quando trabalha para outros cientistas é perfeitamente natural que escreva em inglês, posto que é a língua franca da ciência; por outro lado, quando trabalha no sentido de esclarecer os cidadãos, ou seja, de informá-los acerca das condições da sua realidade social, terá de laborar na língua nativa, caso contrário os cidadãos não estarão devidamente inteirados dos assuntos em foco.

“Por tanto, la consecuencia es que las ciencias sociales son ambivalentes, tienen dos tareas y se dirigen a dos audiencias y en función de sus dos audiencias, tienen dos lenguas. [...] Esta es la tensión de un científico social: tiene que trabajar en el ámbito científico, que se hace en inglés, y tiene que trabajar en el ámbito de la ciudadanía [...]” (2013: 424).

No entanto, tal como acrescenta Alfonso Pérez-Agote, reportando-se ao caso do espanhol, mas que pode muito bem estender-se à situação do português:

“También estoy de acuerdo en que hay una parte de la ciencia social, el conocimiento de la realidad social española, que tenemos la obligación de comunicarla en español para darla a

conocer a la población en general. Pero no estoy de acuerdo en que esta sea la única razón. También debemos comunicar y publicar en español para los otros científicos sociales no españoles que la tienen como lengua materna. La comunicación puede ser más estrecha y fácil con los que hablan nuestra misma lengua y puede irse generando así una cultura, o subcultura si se prefiere, científica de lengua española, algo verdaderamente necesario. Hay determinado tipo de temas en los que socialmente nos podemos comunicar mejor en español. Español e inglés no son lenguas excluyentes, y es necesaria la creación de esa subcultura científico-social intermedia de habla española” (*In El Español, Lengua de Comunicación Científica, 2013: 446-447*).

João Pina de Cabral explica que existem apenas quatro comunidades linguísticas de cientistas sociais que comunicam em outras línguas que não a inglesa com peso considerável, ou seja, a francesa, a espanhola, a germânica e a portuguesa, referindo que esta última é das quatro, “porventura, a maior em termos estatísticos, tendo em vista a quantidade de cientistas sociais brasileiros e a vivacidade atual da comunidade científica portuguesa” (*Cabral, 2007: 233*).

Enfim, como se pode aferir, o estatuto do português no domínio da comunicação científica compõe um assunto deveras atual, cada vez mais debatido na comunidade científica em geral, refletido, por exemplo, em jornais, seja em formato de artigo ou de entrevista, em revistas consagradas ou em congressos. Neste particular, a prova viva da vitalidade deste assunto é a 2.<sup>a</sup> Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial que se realizou recentemente, em concreto nos dias 29 e 30 de outubro de 2013, e que teve especial enfoque na questão da utilização da língua portuguesa como língua de ciência e de inovação.

Tomando como exemplo o papel outrora desempenhado por outras línguas, especialmente pelo latim, sublinhe-se que a hegemonia linguística no âmbito da comunicação científica não constitui uma questão definitivamente encerrada. Em rigor, o pior que pode suceder ao português é, sim, cairmos numa atitude de mera passividade e resignação face ao paradigma existente, o qual coloca entraves ao ato de acrescentar valor e influência à nossa língua, uma das poucas com projeção mundial. Assim, por exemplo, opinamos que os instrumentos de bibliometria científica têm de apostar no diálogo entre comunidades linguísticas, no bilinguismo científico (inglês-português, inglês-espanhol...) e não na hegemonia de uma só língua, o que é redutor e até, em algumas circunstâncias, anticientífico.

Em suma, a valorização do português como língua científica constitui, sem dúvida, uma orientação estratégica elementar e prioritária, pelo que Portugal e os restantes países lusófonos, sem negligenciarem a presente valia do inglês em matéria de produção e circulação de conhecimento científico, não

podem encarar a questão da comunicação científica e académica da mesma maneira que outros que não usufruem de uma língua materna, nacional ou oficial de expressão ecuménica (Carvalho, 2013). Há, pois, lugar no universo da ciência, de fronteiras ilimitadas, para conferenciar em várias línguas, urgindo, sim, investir na multiplicação de canais e instrumentos indispensáveis à boa consecução deste desiderato.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

Cabral, João de Pina (2007), “Língua e Hegemonia nas Ciências Sociais”, *Análise Social*, vol. XLII (182): 233-237.

Carvalho, Mário Vieira de (2013), “Língua Portuguesa e Ciência”, in *Público* de 29-12-2013.

Castro, Ivo (2009), “A Internacionalização da Língua Portuguesa”. [Inédito. Comunicação ao colóquio *A Internacionalização da Língua Portuguesa*, Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses, Lisboa, 16.VI.2009].

García Delgado, José Luis; Antonio Alonso, José; Carlos Jiménez, Juan (coords.) (2013), *El Español, Lengua de Comunicación Científica*. Barcelona: Editorial Ariel.

Guzeva, Tatiana; Gomes, Belinda; Macário, Maria João e Ançã, Maria Helena (2013), “Língua Portuguesa no Ciberespaço: difusão, crescimento e valores”, *XX Colóquio da Lusofonia. Livro de Atas/Anais Seia 2013*, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, com o apoio do Instituto Politécnico da Guarda, 172-182.

“Língua Portuguesa como Língua de Ciência e Inovação é Objetivo da CPLP”.

Observatório da Língua Portuguesa (2011), “O Valor Económico da Língua Portuguesa”.

Reto, Luís (coord.) (2012), *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Alfragide: Texto Editores.

Socialbakers (2012), *Top 10 Fastest Growing Facebook Languages*. Socialbakers.

**5. ANA PAULA TAVARES DA SILVA, INESC, PORTO, PORTUGAL - ASSISTENTE PRESENCIAL**



**PRESENTE EM VÁRIOS COLÓQUIOS, GALIZA 2012, É SÓCIO DA AICL.**

**6. ANABELA NAIÁ SARDO, IPG, GUARDA PORTUGAL, ASSISTENTE PRESENCIAL**

ANABELA OLIVEIRA DA NAIÁ SARDO é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês. Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG). É, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000. Faz parte do Conselho Técnico-científico desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012. Desde 2009, é membro do Conselho Superior de Coordenação e do Conselho para a Avaliação e Qualidade do IPG. Para além da investigação que tem vindo a realizar acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz pesquisa ao nível da área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural. Integra, neste momento, a equipa coordenadora e investigadora do projeto “UDI – Observatório de Turismo da Serra da Estrela”, financiado pela Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior (UDI) e aprovado pela FCT (Observatório de Turismo da Serra da Estrela – Um Instrumento para a Sustentabilidade do Turismo na Serra da Estrela” | EXPL/ATP-EUR/1530/2012).

Tem publicado artigos na área da Literatura Portuguesa e na do Turismo, na qual tem coordenado publicações. É coautora (com António Melo, Gonçalo Fernandes, José Alexandre Martins, Vítor Roque) do livro *POSTOS DE TURISMO DO DESTINO SERRA DA ESTRELA – ANÁLISE DA SITUAÇÃO E FUNCIONALIDADES* (OTSE – Observatório de Turismo da Serra da Estrela, Escola Superior de Turismo e Hotelaria, Instituto Politécnico da Guarda. ISBN: 978-972-8681-49-4, 2013).



**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. MEMBRO SUPLENTE DA DIREÇÃO. TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS BRASIL 2010, BRAGANÇA 2011,**

MACAU 2011, SANTA MARIA, 2011, GALIZA 2012, SEIA 2013 E MOINHOS 2014. MODERA SESSÕES - PERTENCE À COMISSÃO EXECUTIVA, AO SECRETARIADO EXECUTIVO E AO COMITÉ CIENTÍFICO DO 22º COLÓQUIO

## **7. ÂNGELO CRISTÓVÃO, AGLP, GALIZA**



**ÂNGELO CRISTÓVÃO**, Empresário, licenciado em Psicologia, nasceu em Santiago de Compostela em 1965. Responsável pela página web «[www.lusografia.org](http://www.lusografia.org)».

Desde 1994 secretário da Associação de Amizade Galiza-Portugal, tendo organizado os Seminários de Políticas Linguísticas (2003, 2004, 2006).

Presidiu à Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa, em cujo nome interveio na Conferência Internacional/Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico, realizada na Assembleia da República em 7 de abril de 2008. Alguns artigos e comunicações:

1984: «Estudo antropológico da aldeia de Bustelo, Concelho de Dodro». Inédito.

1987: «Uma escala de atitudes perante o uso da língua», comunicação ao III Congreso Español de Psicología Social (Valência) In Agália #14 (1988) pp. 157-177.

1989: «Aspetos sociolinguísticos da problemática linguística e nacional na Galiza Espanhola», II Congreso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Atas, 1989, Ourense, pp. 237-254.

1990 a: «Bibliografia de Sociolinguística lusófona», in Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística, vol. VI, n.º 21-26, pp. 71-99; in Naves de Sociolinguística, n.º 9, Institut de Sociolinguística Catalana. Barcelona, pp. 3-33.

1990 b: «Medição de variáveis: competência e uso linguístico». Comunicação ao III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, Ourense, outubro. Publicada em Cadernos do Instituto de Estudos Luso-

Galaicos "Manuel Rodrigues Lapa - Ricardo Carvalho Calero". Ass. de Amizade Galiza-Portugal Série "Investigação" vol. I 1994, Comunicações suprimidas n.º 2.

1991 a: «A eficácia da goma de mascar (Nicorette®) no abandono do tabagismo». Estudo com técnicas de meta-análise apresentada no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito. 83

1992 a: «Language Planning: Atitudes», in Atas do «I Congreso de Planificación Lingüística», Santiago de Compostela, pp. 383-400.

1992 b: «Análise causal da Teoria do Comportamento Planeado com dados supostos». 21 pp. Trabalho apresentado no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". 16 junho. Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito.

2003: «Sociolinguística e cientificidade na Galiza», comunicação apresentada ao II Colóquio Anual da Lusofonia, Bragança, outubro. In Atas dos Colóquios

2004 a: «Questione della língua: introdução e bibliografia», comunicação apresentada ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Univ. de Coimbra, 17 de set., em: <http://www.lusografia.org/cristovao-questione.htm>

2004 b (org) Lluís V. Aracil: Do latim às línguas nacionais: introdução à história social das línguas europeias. Ass. de Amizade Galiza-Portugal, Braga.

2004 c: «O contributo de António Gil à sociolinguística galega», comunicação ao III Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro. In Atas dos Colóquios

2005: «A República Literária e a Lusofonia - Semelhanças, diferenças e exemplos», comunicação ao IV Colóquio da Lusofonia. Bragança, In Atas

2006: «A lusofonia galega: processos e modelos desde 1980», comunicação apresentada ao V Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, In Atas dos Colóquios

2007: «A posição galega ante os acordos ortográficos da língua portuguesa», comunicação apresentada ao VI Colóquio Anual da Lusofonia.

2008: «O processo de criação da Academia Galega da Língua Portuguesa "apresentada ao VII Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro

2009 «Os Discursos Sobre A Língua Na Galiza: Entre O Modelo Nacional e o Patoá" apresentada ao VIII Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, outubro

2012, tomou parte na sessão das Academias, 18º colóquio em Ourense,

**TOMOU PARTE NO 1º, 2º, 3º, 4º 5º, 7º, 8º, 10º, 11º, 12º, 14º E 18º COLÓQUIOS, É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDE À FUNDAÇÃO DA AGLP**

**TEMA 2.3. A POSIÇÃO GALEGA NO CONTEXTO DA LÍNGUA PORTUGUESA, ANGELO CRISTOVAO, AGLP**

A recente aprovação da lei 1/2014 de 8 de abril, Lei Para o Aproveitamento da Língua Portuguesa e Vínculos com a Lusofonia, ou Lei Paz-Andrade, pela unanimidade dos deputados do Parlamento Autónomo da Galiza, representa uma mudança significativa na orientação da política linguística e na estratégia global da Comunidade Autónoma galega, que precisa de concretização através de ações do governo e da imprescindível colaboração da sociedade civil. Durante as últimas décadas, e poderíamos dizer durante os últimos séculos, todo o esforço de relacionamento e aproximação linguística e cultural da Galiza em relação aos países de língua portuguesa foi realizado por personalidades e entidades da sociedade civil, em condições de escasso ou nulo apoio político. Estamos agora numa nova etapa em que essa experiência, esse caminho e discurso de integração no espaço lusófono é recolhido e legitimado institucionalmente, politicamente. A base deste sucesso reside no trabalho do movimento lusófono galego, e mais recentemente nas mais de 17 000 assinaturas de cidadãos que apoiaram a Iniciativa Legislativa Popular Valentim Paz-Andrade.

Da Academia Galega da Língua Portuguesa

#### **8. CARLOS LUNA, ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA D. LEONOR, ESTREMOZ**



**CARLOS EDUARDO DA CRUZ LUNA** nascido em 1956, acidentalmente em Lisboa, Carlos Eduardo da Cruz Luna, cuja família é de Estremoz e como estremocense e alentejano se considera, desde os bancos da Escola Primária foi um apaixonado pela História.

Pode-se dizer que a História e a Cultura em geral, especialmente no que toca à Lusofonia, cedo começaram a fazer parte da sua vida. Dessa forma, ainda no liceu, foi-se afirmando como um "produtor" de textos vários, desde poemas e

reflexões sobre a vida, a política, o evoluir da sociedade. Na adolescência, tornou-se um opositor ao Estado Novo, com militância ativa.

Após inúmeras vicissitudes, e de forma mais ou menos independente da sua profissão de Professor de História, tornou-se um estudioso de Olivença e de toda a problemática que rodeia esta antiga localidade alentejana.

Desta forma, desde 1988 que escreve sobre o tema e contacta com as realidades locais, escrevendo mesmo um livro sobre a região. Especializou-se na divulgação dos resquícios lusófonos ainda existentes, que tem descoberto serem mais importantes do que se poderia supor.

Tem acompanhado o recente ressurgimento do interesse pela lusofonia entre os habitantes, e não perde uma oportunidade para, muitas vezes em vão, tentar divulgar tudo o que em Olivença se tem passado, principalmente desde 2008.»

#### **TOMOU PARTE NO COLÓQUIO DE 2005 E DE 2007 EM BRAGANÇA**

#### **TEMA 2.3. A LUSOFONIA EM OLIVENÇA E A BUSCA DE IDENTIDADE DOS SEUS FILHOS**

Em 2005, em Bragança, falava-se do risco que corria a Cultura portuguesa em Olivença. Felizmente, algo de muito positivo sucedeu! Em março de 2008, surgiu um grupo cultural autóctone local, o "Além Guadiana".

Sem entrar em polémicas de soberania, iniciou um combate pelos valores lusófonos da região. A sua primeira vitória foi a recuperação das antigas denominações portuguesas de 34 ruas e praças.

Ultimamente, em 30 de maio de 2014, levou a cabo uma sessão pública, no castelo dionisino de Olivença, com a população, apelando à recuperação do Português, que muitos dos assistentes revelaram ainda dominar.

Apesar do seu trabalho, amplamente divulgado, a esmagadora maioria dos órgãos de comunicação portugueses, incluindo os de índole cultural, prefere ignorá-lo, chegando o mau gosto ao ponto de o transformar em motivo de anedota.

#### **1) PREÂMBULO**

Há surpresas agradáveis. Em 2005, em Bragança, num colóquio afim, chamei a atenção para os riscos que corria a alma lusófona em Olivença. Pedi apoio, após denunciar uma situação que tinha todos os contornos da destruição de uma cultura por via de um colonialismo dissimulado que ninguém tinha a coragem de estudar e, menos ainda, de denunciar.

Pois bem, meus caros amigos, a cultura lusófona guardava uma surpresa, que mostra a profunda capacidade de resistência da mesma. Em março de 2008, logo após um encontro em Olivença, em fevereiro de 2008, surgiu uma associação cultural autóctone oliventina favorável à lusofonia ("Além Guadiana").

Nada melhor do que ler um texto meu produzido na altura, e que quase nenhum jornal ou revista quis publicar!. Portugal é um País de contradições. Ambiciona ser conhecido, reclama que a sua cultura é pouco divulgada... mas, contraditoriamente, parece envergonhar-se de assumir manifestações concretas da sua cultura. Ora veja-se!.

**9. CAROLINA CORDEIRO, GINÁSIOS DE EDUCAÇÃO DA VINCI, PONTA DELGADA, AÇORES, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**10. CHRYS CHRYSTELLO, AICL – AÇORES/ AUSTRÁLIA**



Chrys CHRYSTELLO (n. 1949-) é um cidadão australiano que acredita em multiculturalismo, numa família mesclada de Alemão, Galego-Português e Brasileiro paterno, Português e marrano materno.

Publicou “Crônicas do Quotidiano Inútil” (poesia, 1972).

O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do jornal local antes de ir à Austrália adotá-la como pátria.

Dedicou-se ao jornalismo (rádio, TV e imprensa) e escreveu sobre o drama de Timor Leste (1975-96).

Desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau (1976-82), foi Redator,

Apresentador e Produtor para a TDM/RTP (Rádio Macau) e para a TVB - Hong Kong.

Depois, em Sydney (e Melbourne) Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural.

Foi Jornalista no Minist<sup>o</sup> Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Foi Tradutor e Intérprete no Minist<sup>o</sup> da Imigração e no de Saúde (NSW). Divulgou a descoberta na Austrália da chegada dos Portugueses (1521-25, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português há quatro séculos.

Membro Fundador do AUSIT lecionou na Universidade UTS, Sydney, sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council (1999-2005), e orador em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau, etc.),

Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Revisor da Universidade de Helsínquia; Consultor do Programa REMA da Univ. dos Açores. (2008-12). Proferiu uma Palestra na Academia Brasileira de Letras em março 2010 com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, organizada pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça.

Foi admitido (out.<sup>o</sup> 2012) como **Académico Correspondente** (Academia Galega AGLP). É Membro do Conselho Consultivo do MIL. Organiza desde 2001 os Colóquios da Lusofonia. É Editor dos **CADERNOS (DE ESTUDOS) AÇORIANOS** <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>, publicação trimestral, *online*, De 2006-13 traduziu obras e excertos de autores açorianos para Inglês, em projetos vários publicados.

**BIBLIOGRAFIA** (e-livros <http://www.scribd.com/cchrystello/shelf>)

2014. Prefácio “O voo do Garajau” Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras AICL [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672015000300016](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016)

2013, Crônicas Austrais 1978-98, 3<sup>a</sup> ed.

<https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-75 vol. 1, Timor-Leste 1983-92 vol. 2 Historiografia de um

repórter, Timor Leste vol. 3 As guerras tribais, a história repete-se (1894-2006) ed. AICL

2012, Crônica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras ISBN 9789728985646

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf>

2012, trilogia da História de Timor, vol. 3 As guerras tribais, a história repete-se 1894-2006, 1<sup>a</sup> ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3->

## PROGRAMA com sinopses e biodados do XXII COLÓQUIO DA LUSOFONIA. SEIA setembro 25-29. 2014 – Página | 27

### Historia-de-Timor.pdf

[https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com\\_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=1000000000000](https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=1000000000000)

2012, trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 1ª vol. 3ª ed.

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0

2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras - ISBN 9789728985646

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf>

2012, vol. 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-VOL-3-Historia-de-Timor.pdf>,

[https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com\\_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=1000000000000](https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=1000000000000)

2012, vol. 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed.

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução "A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.

<https://www.scribd.com/doc/39958581/Timor-Leste-1973-1975-o-dossie-secreto>

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>,

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, Crónica Açores uma circum-navegação vol. 2, ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras

2010, tradução para inglês Guia de Mergulho da Madeira; Guia de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado,

<https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-RILOGIA>

[https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief\\_results](https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results),

2009, Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor

2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor.

2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Soares, VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada

2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor,

2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, 2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença

2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> -

2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal

2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal

2002, tradução de "La familia: el desafio de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhana, Psicologia), Instituto Piaget Portugal

2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed.

<http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>,

<http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit>

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.

[www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf),

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed.

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>,

<https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng->,

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf>

1999, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto,

ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758

1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia,

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>

1985 Crónica X Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>

1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada)

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol-3-4-.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>,

<http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd>

1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português

(esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>

1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado)

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf>

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>,

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E DA AGLP,  
É PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.  
TOMOU PARTE NOS 21 COLÓQUIOS JÁ EFETUADOS,  
MODERA SESSÕES,  
INTERVÉM NAS SESSÕES DE POESIA (VER SELEÇÃO AQUII)**

**11. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, LISBOA, PORTUGAL**  
**ASSISTENTE PRESENCIAL**



É SÓCIO DA AICL. ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010

**12. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, AICL, PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007 -**



**EVANILDO CAVALCANTE BECHARA** nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928.

Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928.

Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ,

Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos.

Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.

Aos dezassete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de Intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961-62, com bolsa do Governo espanhol.

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

## PROGRAMA com sinopses e biodados do XXII COLÓQUIO DA LUSOFONIA. SEIA setembro 25-29. 2014 – Página | 29

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa.

É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).



Criou a Coleção Antônio de Morais Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974-80 e de 84-88;

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro 1965-75;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;

Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.

Membro da Societé de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- O Futuro em Românico (1962),
- A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- Os Estudos sobre Os Lusíadas de José M<sup>a</sup> Rodrigues (1980),
- As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a *Moderna Gramática Portuguesa*, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss.

É professor da UERJ e da UFF, membro da ABL e patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007.

Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 E 2010, LAGOA 2008, 2009 E 2012, BRASIL 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, GALIZA 2012, MAIA 2013, MOINHOS 2014.

**13. FÁTIMA MADRUGA, médica, VILA NOVA DE GAIA, ASSISTENTE PRESENCIAL**



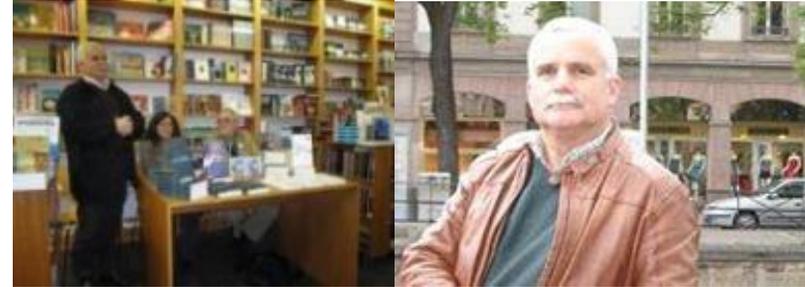
TOMOU PARTE NO 16º COLOQUIO EM VILA DO PORTO 2011 E NO 21º MOINHOS 2014

**14. FÁTIMA SALCEDO, COLABORA NA REVISTA INCOMUNIDADE E FAZ FOTOGRAFIA COMO POUÇAS, ASSISTENTE PRESENCIAL**



PARTICIPA PELA 1ª VEZ.

**15. FRANCISCO MADRUGA, DIRETOR DA EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS [WWW.CALENDARIO.PT](http://WWW.CALENDARIO.PT)**



**FRANCISCO FERNANDES MADRUGA**, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal Norte Popular e foi colaborador permanente do jornal A Voz do Nordeste. Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo. Editou em colaboração com a Revista BITÓRO a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva revista. Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau. A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, etc.). É o editor da Antologia (monolíngua) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Ingês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 ilhas, 9 escritoras.

ENTREGA O LIVRO DO 1º PRÊMIO LITERÁRIO AÇORIANIDADE AICL E TOMA PARTE NA MESA REDONDA DAS 9 ILHAS 9 ESCRITORAS É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDE AO CONSELHO FISCAL TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014.

**16. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & AICL**



**HELENA CHRYSTELLO**, Vice-presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos colóquios desde o primeiro colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões.

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso pela Universidade Aberta.

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional).

Foi assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005).

Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em atas e revistas científicas da especialidade.

Membro da ACT/CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).



Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009 e do 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – JUDITE JORGE.

Coautora com a Professora Doutora M<sup>a</sup> Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da ANTOLOGIA DE (17) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º colóquio.

Lançou no 19º colóquio a edição monolíngue da Antologia em dois volumes.

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente. Apresentará nova obra sobre dramaturgia açoriana e a antologia “9 ilhas 9 escritoras açorianas”.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO, TOMOU PARTE EM TODOS OS 21 COLÓQUIOS. LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. MODERA SESSÕES APRESENTA DUAS OBRAS QUE SÃO PROJETOS AICL - "COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS" (HELENA CHRYSTELLO E LUCÍLIA ROXO) - "9 ILHAS, 9 ESCRITORAS" (HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO)

**17. ISA SEVERINO, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, IPG, UDI/UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR.**  
[isaseverino@ipa.pt](mailto:isaseverino@ipa.pt)



**ISA SEVERINO, Isa Margarida Vitória Severino**

Desde abril de 2001 docente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico da Guarda. De 1999 a abril 2001 – docente do Ensino Secundário. Realização de dois períodos Erasmus, enquanto docente, em Kielce (Polónia) e Nicósia (Chipre)

Doutoranda em Literatura na Universidade de Aveiro

Mestre em Estudos Portugueses (Linguística) pela Universidade de Aveiro

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Participação em Congressos

Tem participado em vários congressos nacionais e internacionais, que decorreram em Lisboa, Porto, Coimbra, Ribeira Grande, Rio de Janeiro, Salamanca, Santiago de Compostela, Macau, Florianópolis, tendo apresentado artigos que constam publicados nas atas dos encontros.

Investigação - Membro do CPNq - *Figurações do feminino et alii*, sob coordenação da Prof. Doutora M<sup>a</sup> Lúcia Dal Farra, Membro da UDI – Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior

TOMOU PARTE NO 6º COLÓQUIO RIBEIRA GRANDE 2006, NO 13º COLÓQUIO NO BRASIL 2010, 15º EM MACAU 2011, 20º EM SEIA 2013 TEMA 2.2. FLORBELA ESPANCA – SER DE DESEJO E DESEJO DE SER, ISA MARGARIDA VITÓRIA SEVERINO - UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR1 - INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

#### 0. SINOPSE

A presente comunicação intitulada "Florbela Espanca – um desejo de ser ou um ser de desejo?" pretende ir ao encontro de uma das linhas temáticas dos Colóquios, pondo ênfase numa poética feminina. Neste sentido, procuramos analisar um tema indissociável da obra de Florbela Espanca - o erotismo -, procurando perceber se o erotismo expressa unicamente o desejo sedento de um ser ou se é um meio que a autora encontra para afirmar o seu desejo e consequentemente a sua identidade. A poeta portuguesa Florbela Espanca é conhecida pela sua irreverência de carácter, a qual se traduz também numa irreverência na escrita. Percorrer os textos da escritora alentejana pressupõe uma análise do seu discurso tornado linguagem; uma linguagem criadora, através da qual a autora se expressa e expressa o seu desejo. A linguagem é também um elemento desencadeador de desejo – o desejo de escrita; um desejo feito escrito e concretizável através dela.

Se nos centrarmos na epígrafe do primeiro livro de Florbela Espanca, *Livro de Mágoas*, lê-se, junto ao excerto de um poema de Paul Verlaine, estes versos de Eugénio de Castro:

Procuremos somente a beleza, que a vida  
É um punhado infantil de areia ressequida,  
Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa...

Os versos são emprestados do poeta português cuja obra mais sonante é *Oaristos*, significando colóquios íntimos entre esposos. Tal facto, que não é despidendo na análise da atmosfera literária em que a poeta se instalava, ditaria o modo de construir poesia da primeira fase de Florbela: a vida e, consequentemente, o prazer de vivê-la.

#### **18. ISAAC ALONSO ESTRAVIZ, GALIZA, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**Isaac Alonso Estraviz** é um lexicógrafo galego.

Nascido em 1935, licenciou-se em Filologia Românica em 1977 e doutorou-se em Filologia Galega pela Universidade de Santiago de Compostela em 1999. Foi professor de Didática da Língua e Literatura Galegas na Universidade de Vigo (campus de Ourense), membro da Comissão Linguística da Associação Galega da Língua (partidária do reintegracionismo ou aproximação do galego ao português) e do conselho de redação da revista *Agália*, ademais de vice-presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa. Em 1986 formou parte da delegação galega que participou com a categoria de observadora no Encontro sobre a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa. Como lexicógrafo, é autor de várias obras sobre o léxico galego, merecendo especial destaque o *Dicionário da língua galega* (Ed. Sotelo Blanco, 1995), redigido originariamente na normativa do galego chamada reintegracionismo de *mínimos* e anos depois adaptada para o *reintegracionismo de máximos* (mais próximo da ortografia portuguesa). Esta última versão está disponível para consulta livre na internet com o nome de e-Estraviz.

- *Contos con reviravolta: arando no menceir*, Castrelos, 1973
- *Dicionário galego ilustrado "Nós"*, Nós, 1983
- *Dicionário da língua galega*, Alhena, 1986
- *Estudos filológicos galego-portugueses*, Alhena, 1987
- *Dicionário da língua galega*, Sotelo Blanco, 1995
- *Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes: epistolário*, Ed. do Castro, 2000. Esta obra foi realizada em colaboração com junto com Eloísa Álvarez, da Universidade de Coimbra (Portugal).

**TOMA PARTE PELA QUARTA VEZ DEPOIS DE BRAGANÇA 2006, 2007, GALIZA 2012**

**19. JOÃO CARLOS LOEBENS, PORTO ALEGRE, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**

**TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ**

**20. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007**



**JOÃO MALACA CASTELEIRO** licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

É professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado. Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986. A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*. Foi o coordenador do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e o responsável pela versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tem participado em

congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumi funções institucionais:

Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991. Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.

Assumi também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como Português Fundamental, Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo, o Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo ou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea.

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

**É patrono dos Colóquios da Lusofonia** desde 2007 e um convicto defensor da adoção do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado **ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA** em outubro 2012.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL. TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 EM BRAGANÇA. INTERVÉM NA SESSÃO DAS ACADEMIAS**

#### **21. JOÃO PAIXÃO MARTA, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**É SÓCIO DA AICL - TOMA PARTE PELA 1ª VEZ.**

#### **22. JOSÉ AMARAL, ADIDO CULTURAL DA EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE TIMOR-LESTE EM LISBOA - CONVIDADO**



#### **23. JOSÉ ANTÓNIO SALCEDO, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, EMPREENDEDOR, EX-UNIVERSIDADE DE STANFORD, etc....**

**José António Salcedo** recebeu o grau de licenciatura em Engenharia Eletrotécnica pela Universidade do Porto, em 1973, e os graus de Mestrado e Doutoramento em Electrical Engineering pela Universidade de Stanford, Califórnia, em 1974 e 1978, respetivamente.

Depois de uns anos nos EUA como IBM Postdoctoral Fellow na Universidade de Stanford e Cientista Sénior na Westinghouse Electrical Corporation, regressou a Portugal como Professor Associado do Departamento de Física da Universidade do Porto tendo cofundado e liderado o INESC-Norte entre 1985 e 1994.

Enquanto Diretor Executivo do programa PRAXIS XXI de Ciência e Tecnologia, em 1994/95, constituiu a equipa de gestão que estabeleceu, financiou e geriu programas de Ciência e Tecnologia em todas as áreas, incluindo o financiamento de bolsas de estudo, infraestruturas científicas, eventos e projetos de I&D.

Cofundou a empresa ENT em 1995, no seio do Grupo EFACEC, servindo como



seu Diretor de I&D até 2000.

Enquanto Professor Catedrático do Departamento de Engenharia Eletrotécnica da Universidade do Porto, dissociou-se da universidade em 2002 para criar a Multiwave Photonics, uma empresa internacional de alta tecnologia que liderou até 2012. Nesse ano fundou a empresa ATLA Lasers, na Noruega, tendo desenvolvido e liderado a empresa até julho de 2014, data em que entregou a liderança e gestão a investidores institucionais internacionais.

Membro de várias organizações profissionais internacionais, é membro da Academia Europaea, autor e coautor de cerca de 100 publicações científicas e 10 patentes registadas nos EUA.



O seu passatempo é fotografia.

**É SÓCIO DA AICL.**

**TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ**

**TEMA 2.8. LIÇÕES APRENDIDAS A CONSTRUIR EMPRESAS TECNOLÓGICAS INTERNACIONAIS" CONSTRUINDO ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS – LIÇÕES APRENDIDAS, JOSÉ ANTÓNIO SALCEDO, EMPREENDEDOR**

O arranque e desenvolvimento de projetos empresariais de cariz tecnológico e natureza internacional, que envolvem equipas multidisciplinares e multiculturais de pessoas altamente qualificadas, colocam desafios e problemas para a resolução eficaz dos quais é necessário fazer intervir capacidades associadas a conceitos específicos. Entre estes conceitos destaque "Atitude", "Responsabilidade" e "Cultura". Adicionalmente, o conceito de "Cadeia de valor da vida" permite enquadrar o fluxo de construção de valor que interliga

"Informação", "Conhecimento" e "Cultura". Nesta apresentação, será atribuída uma importância especial ao significado das palavras e dos conceitos que lhes estão subjacentes.

A construção de organizações internacionais impõe requisitos específicos quer à conceção quer à operação da organização. Tais requisitos vêm determinados pela necessidade de atender às influências que diferentes culturas nacionais e locais impõem quer à forma de desenvolver negócios quer à forma de assegurar que a organização estimula todas as pessoas a contribuírem com o seu melhor, realizando o seu potencial. Sendo os aspetos culturais essencialmente invisíveis, importa que o empreendedor e a equipa de gestão conheçam a relevância das influências culturais e saibam lidar com os contrastes impostos por diferentes culturas, até para desenvolver a 'cultura da organização' que lhe permita ser eficaz na prossecução dos seus objetivos.

**24. JOSÉ CARLOS TEIXEIRA, UNIVERSIDADE DA BRITISH COLUMBIA, OKANAGAN, CANADÁ**



**CONVIDADO ESPECIAL 2014 DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES**

Nasceu na Ribeira Grande em 1959, emigrando para o Canadá em 1978, concluindo o seu BA e M.Sc na Universidade do Quebec, e o seu doutoramento na Universidade York em Ontário. Título da tese: *The Role of "Ethnic" Sources of Information in the Relocation Decision - Making Process: A Case Study of the Portuguese In Mississauga*. Ph.D. Geography, York University, 1993 (M.Sc. Geography, UNIVERSITÉ du Québec à Montréal, 1986 (Título da tese: *La Mobilité Résidentielle Intra-Urbaine des Portugais de Première Génération à Montréal, Université du Québec à Montréal*).

Tem sido nacional e internacionalmente premiado pelo seu trabalho em geografia Humana, sendo um prolífico autor nessa área.

Professor catedrático desde 2014 no Department of Geography, University of British Columbia Okanagan, Canadá. É autor de mais de 70 publicações que incluem dissertações, monografias, artigos e relatórios de pesquisas na área da geografia social. Entre as muitas distinções já recebidas, em 2008, 2010 e 2011, foi galardoado com alguns prêmios, onde se destacam o “Premio de Investigación da Universidade da Columbia Britânica – Okanagan”, o “UBC Okanagan Provost’s Award for Public Education through Media Award” e pela Association of American Geographers, o “Ethnic Geography Distinguished Scholar Award”, em reconhecimento pela excelência do trabalho que tem desenvolvido. É conselheiro do projeto da “Rede Prestige Azores.”.

[carlos.teixeira@ubc.ca](mailto:carlos.teixeira@ubc.ca)

**É SÓCIO DA AICL**

**TOMOU PARTE NO 5º COLÓQUIO 2007 RIBEIRA GRANDE, 9º LAGOA 2008, 11º NA LAGOA 2009, 13º NO BRASIL 2010**

**TEMA 2.8 ENSINAR A GEOGRAFIA DA (E)MIGRAÇÃO NUM CONTEXTO INTERNACIONAL / INTERNATIONAL TEACHING OPPORTUNITIES AND CHALLENGES: MIGRATION AND SETTLEMENT**

**Apenas recebemos a versão em inglês do texto a apresentar**

Magnífica experiência de ensinar jovens estudantes canadianos a dinâmica da geografia da emigração/imigração em contextos internacionais. Resumo de visita aos Açores, Roménia e Bulgária de um grupo de jovens estudantes canadianos.

“Geography is first a field-based discipline and there is no substitute for field work in the undergraduate curriculum. Long after students have forgotten individual lectures, they vividly recall field experiences. . .

Field work provides new insights, *ground truth* information. . .

[O]ur job is to educate good geographers, and good geography includes field trips” (Foust and Botts, 1997, 71, 77).

**INTRODUCTION**

Geographic research on topics of ethnicity, population, and migration in Canada has expanded in the past three decades in large part due to Canada opening its doors to immigrants from a more diverse range of continents and countries (e.g., Asia, Africa, South America, the Caribbean, the Middle East) paralleled by its immigration population growth and internal migration. The ethnic and racial composition of Canada’s population and particularly of its main “ports

of entry” (Toronto, Vancouver, and Montreal) has in turn gradually become more ethnically and racially diverse (Teixeira and Li 2013). Concomitantly, in this international context, geographers are searching for effective new strategies and methods to share with their students through field courses the new reality of the “age of migration” (Castles and Miller 2009).

Awareness of the diversity that characterizes contemporary Canada’s rich cultural tapestry (a “country of immigrants”) and the urgent need to better understand other cultures and the complex migration processes and outcomes in both national and global contexts are two of the reasons several Canadian universities provide opportunities for their students to travel and study abroad (e.g., UBC’s Group Study Program). These programs often focus on a particular region of the world and/or research topic of interest and are taught by Canadian faculty members in an international context. Over the past two years I have had the opportunity to teach the courses “Geographies of Housing” in Romania and Bulgaria (2012) and “Geographies of Migration and Settlement” in the Azores and Portugal (2013). For each field course I spent approximately three weeks with a group of twenty students in Romania and Bulgaria and fifteen in the Azores and Portugal. With the exception of six students who were from the U.S. (2) and Asia, (4) all others were Canadians, most of them from the provinces of British Columbia, Alberta, or Ontario. With the exception of four students, none had visited any country in Europe. For the majority of the students the field trip to Europe was thus a way to “connect” and enhance their learning experience with the “old” continent that was also “home” to many of their parents and/or grandparents.

**25. JOSÉ JORGE DE MELO, AUTOR AÇORIANO \***



Nasci em Ponta Delgada em outubro de 1942.

Estudei em Ponta Delgada onde tirei o Magistério Primário e lecionei durante quatro anos. Prestei o serviço militar no Continente e suporrei dois anos de guerra colonial na Guiné-Bissau, onde fui agraciado com uma Cruz de Guerra de 3ª Classe. Seguidamente, frequentei em Lisboa o Instituto Superior Técnico e formei-me em Eletrotécnica. Trabalhei quarenta anos em Telecomunicações e constituí várias firmas em Portugal, uma em Angola, uma no Zimbábue e outra na Polónia; algumas de efémera duração e outras com sucesso. Ao longo destes anos tive oportunidade de me deslocar aos quatro cantos do mundo e considero que tive uma vida aventurosa. Reformei-me aos 67 anos. Tinha duas filhas e plantado várias árvores, faltava-me escrever um livro. Dediquei-me então a essa tarefa, gostei e publiquei:

- em 2009 “Sonhos de Emerenciana” (romance);
- em 2010 “Ver Santa Mª por um Canudo” (romance);
- em 2011 “As Bocas do Mundo” (romance);
- em 2013 “Registo de Viagem: Rota Moçambique e África do Sul” (um misto de relato de viagem, romance e crónica);
- em 2014 “Sem Rumo e sem Rima” (poesia).

Antes da publicação desta última obra várias pessoas apreciaram as minhas poesias, outras houve que as condenaram. Uma das críticas que recebi rezava: “ - Este trabalho vai enegrecer o bom-nome que já conquistaste!” Fiquei surpreendido, porque desconhecia que tinha ganho bom-nome como escritor. Independentemente do que fosse e movido pela curiosidade decidi enfrentar o desafio; e publiquei os versos.

janeiro, 5 de 2014

### TEMA 3.2. FRANCISCO DE SOUSA, POETA DA PEDREIRA DE NORDESTE, OBRA POÉTICA DE FRANCISCO JOAQUIM DE SOUSA

No tempo em que não existia difusão da rádio e da televisão o povo ocupava os seus tempos livres principalmente em atividades religiosas e pagãs. Na ilha de São Miguel as festas religiosas obrigavam ao cultivo do canto e da música. Constituíram-se as bandas filarmónicas que felizmente ainda hoje perduram, formaram-se coros e nos arraiais cantava-se ao desafio, onde os mais famosos “repentistas”, criaram versos famosos que fazem parte do folclore dos Açores. Os foliões das festas do Espírito Santo são também um exemplo da aplicação lúdica da música às festas religiosas em que a poesia era associada à música. O Pão por Deus, os cantos dos Reis, das almas e do dia das Estrelas são outros exemplos da associação religiosa ao canto e à música como forma de divertimento.

No âmbito das festas pagãs os festejos carnavalescos eram sem dúvida os principais, mas existiam também as desfolhadas, as vindimas e os

balhos, onde era frequente surgirem os músicos, predominando a guitarra, a viola, o cavaquinho, o pandeiro, os ferrinhos, o violino e a sanfona. Esta minha apresentação é uma pequena homenagem que pretendo prestar ao autor pelo mérito do seu auto didatismo, pela sua inteligência e pelo facto de ter tido a preocupação de deixar registada a sua obra.

José Jorge de Melo,

Ponta Delgada, 31 de agosto de 2014

### **26. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO**



**José Soares** (de Abrantes Reis), n. em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948. Jornalista e investigador.

Formação em Comunicação Social e História.

Foi presidente regional do partido liberal do Quebeque.

Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque.

Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *AÇORES 9*, (2007) jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.

Foi delegado da RDP/RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos.

Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras.

Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma crónica semanal no decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA, PEIXE DO MEU QUINTAL, HAJA SAÚDE e LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura. A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César.

É SÓCIO DA AICL - PARTICIPOU NA RIBEIRA GRANDE 2007, LAGOA 2009, MAIA 2013 E MOINHOS 2014

TEMA 2.8 A NAÇÃO AÇORIANA NO CONTEXTO EUROPEU, ENSAIO DE JOSÉ SOARES, JORNALISTA

As Academias como esta onde nos encontramos hoje são também plataformas ideais para lançar o debate político-social. Delas emergem inúmeras vezes o suco do ideário progressista; A essência democrática da liberdade de expressão, em toda a extensão da razão humana.

No Portugal que se assumiu estado de Direito após a entrada em vigor da Constituição da República Portuguesa de 1976, implementando os primeiros ensaios de regime democrático do tipo ocidental depois dessa data, a nova elite política emergente decidiu, e bem, terminar com o que a história havia já dado como descartável há muito: libertar parcialmente o seu vasto e cobiçado império colonial. E embora essa libertação tenha sofrido nalguns casos as contingências do abandono pura e simples, os governantes do novo regime lá foram distribuindo independências, como quem distribui bolinhos quentes, por entre interesses ideológicos aqui, fugas ali, entregas forçadas acolá, combinações anacrônicas em muitos casos, mas tudo filhos e filhas da ação política dos homens.

**27. JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS, PORTO ALEGRE, BRASIL ASSISTENTE PRESENCIAL**



Brasileira, Doutoranda em Literaturas Comparadas pela Universidad de Alcalá de Henares – Madrid – Espanha. Especialista em Leitura e Produção de Textos no Ensino da Língua Portuguesa, pelo Centro Universitário Ritter do Reis - Porto Alegre -RS, Graduada em Letras Licenciatura Plena, pela Universidade de Passo Fundo – RS – Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa e Brasileira em Escolas do Governo

Estadual, há mais de dez anos. Atualmente professora de Português como Língua estrangeira para executivos, na Espanha. Com artigos publicados em Espanha e no Brasil. E apresentações de trabalhos em diversos congressos importantes. Alguns trabalhos publicados:

1. FERREIRA LOEBENS, Jucélia, JABELUFA, Sérgio. **A interferência da língua portuguesa na aprendizagem da língua espanhola.** Sessões de Comunicações Integradas Línguas Estrangeiras - SELES – SELM – Universidade de Passo Fundo – RS. (outubro/2006). [www.upf.br/selesselm/arquivos/7SessoesDeComunicacaoeIntegradasDia24.pdf](http://www.upf.br/selesselm/arquivos/7SessoesDeComunicacaoeIntegradasDia24.pdf)
2. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **Leyendas urbanas y rurales de Brasil contadas por brasileños que viven en Alcalá de Henares, Madrid.** *Culturas Populares. Revista Electrónica* 1 (enero-abril 2006). ISSN 1886-5623. <http://www.culturaspopulares.org/textos%20I-1/articulos/Ferreira.htm>
3. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **Escrituras Populares y españolas: las carpetas de adolescentes desde una perspectiva comparatista.** *El Filandao/O Fiandero. Publicación de Cultura Tradicional*, n. 16. Asociación Etnográfica Bajo Duero (Zamora) – 2005. Pp.16 a 20.
4. ARALDI, Lilian C., FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **Intertextualidade: uma prática de respeito às diferenças.** Anais: II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação: racionalidade e tolerancia. II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação. (Passo Fundo – RS) 2005. Pp.1 a 8. ISBN - 85-7515-333-1
5. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. “Alma desnuda”. *Pétalos de Pasión. Antología Poética.* Centro de Estudios Poéticos. Ed. Mecopress, Madrid, 2006. p.181.
6. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. **La descripción de la mujer en Don Quijote y Vinicius de Moraes: comparaciones a través de la mirada intertextual.** Liceus – El portal de las Humanidades.

**ESTEVE PRESENTE NO COLÓQUIO 2007 BRAGANÇA**

**28. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, Portugal**

**LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO** é Doutorando em Pós-colonismos e Cidadania Global com a tese “Pelo Sul se faz caminho: transculturalidades na obra de Manuel Rui”, do (CES/FEUC) - Centro de Estudos Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Colaborador do projeto (CES/FCT) [“De S. Paulo de Luanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais”](#).

Membro do GAIEPC Grupo Autónomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais. Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa com a dissertação “CPLP - a Cultura como Principal Fator de Coesão”, Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica

(Faculdade Filosofia de Braga), foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural), é professor reformado, ex-Adido Cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, Diretor do Centro Cultural Português em Luanda e Luxemburgo, cooperante-formador na DGEX (Direção Geral de Educação de Adultos em Cabo Verde), membro fundador da AICL (Associação Internacional Colóquios da Lusofonia), formador do Projeto Entreculturas do Ministério da Educação. Foi assessor pedagógico no Ministério da Educação de Roberto Carneiro. Áreas de interesse: interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais. Escritor, ensaísta, investigador CES.



**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.**  
**MODERADOR DE SESSÕES.**

**TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA E SEIA 2013**

**TEMA 2.7 A ANGOLANIDADE E AS ARTES PLÁSTICAS: TRAVESSIAS, TRANSCULTURALIDADES, IDENTIDADE - LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA (CES/FEUC).**

### **1. BUSCANDO A ANGOLANIDADE**

Em 11 de novembro 1975 o Presidente Agostinho Neto proclamava a independência de Angola. Se um país nascia, após uma longa luta contra o jugo colonial e em que, simultaneamente, vários movimentos se confrontavam entre si, por certo se tornava muito preocupante na sua cabeça, nesse dia de novembro, refletir sobre como dotar a nova nação dos instrumentos necessários ao reforço da sua identidade.

Outro modelo político se apresentava, uma nova sociedade e um novo sistema económico tinham o caminho todo por desbravar, em contradição absoluta com o colonialismo e o imperialismo, agora fechados.

Mas este colonialismo durara 493 anos desde que o navegador Diogo Cão entrara pela foz do Rio Zaire e travara contacto com o Reino do Congo. Logo os portugueses se imiscuíram nas questões locais de soberania e comércio e, para melhor proveito dos interesses comerciais, a religião cristã (um objetivo central da expansão portuguesa) foi pregada, tendo o Rei, a corte e o povo sido convertidos. Doravante, na maior parte das questões étnico/bélico/comerciais do puzzle político angolano, as questões religiosas se interpuseram como importantes, sendo que guerras houve travadas com o “pretexto” religioso a justificar outros interesses muito mais materiais.

Se a religião chegou, também a língua desembarcou nas caravelas e se foi fixando neste tempo longuíssimo. Ela trazia consigo a escrita, quando os africanos utilizavam a sua riquíssima oratura como veículo de comunicação, transmissão e difusão de epistemologias totalmente diferentes daquela primeira modernidade que lhes chegava da Europa, através de Portugal.

### **29. MARIA DO SOCORRO PESSOA, ASSISTENTE PRESENCIAL**



- Professora Efetiva, classe Adjunto II da UNIR-RO; Docente e Pesquisadora Universitária da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena – RO – Brasil - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários;
- Doutora em Linguística, com área de concentração em Sociolinguística;
- Mestrado e Doutorado em Linguística pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, SP.;
- Cursando Pós-Doutoramento na Universidade de Aveiro, em Portugal, na área de Didática e Tecnologia Educacional para a Formação de Professores de Língua Portuguesa em ambientes multidialetais.

- Líder do Grupo de Pesquisas “Língua, Cultura e Sociedade Rondoniense – GEPS – Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas”, certificado pela Instituição e registrado no CNPq-Brasil;
- Docente e Pesquisadora do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, da UNIR, Campus de Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil;
- Desenvolve atividades de Docência, pesquisa e Extensão em cursos de Licenciatura em letras e em Pedagogia e também no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem do Campus de Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil.
- Tem artigos publicados em revistas nacionais e Internacionais, nas áreas de Linguística, Sociolinguística e Formação de professores de Língua Portuguesa
- Residência no Brasil: Av. Major Amarante, 4081, 1º. Andar – Apto. 01 Prédio do Boticário – Centro 78995-000 – Vilhena – RO  
Fones: 69-33227397 e 69-8113-0705 (Brasil) e-mails: [sopessoa@gmail.com](mailto:sopessoa@gmail.com); [sopessoa@unir.br](mailto:sopessoa@unir.br); [sopessoa5@hotmail.com](mailto:sopessoa5@hotmail.com); [messoa@ua.pt](mailto:messoa@ua.pt);

**É SÓCIA DA AICL,  
PRESENTE EM 2007 NO COLÓQUIO EM BRAGANÇA**

**30. MARIA HELENA ANÇÃ, UNIVERSIDADE DE AVEIRO**



**M<sup>a</sup> Helena Ançã**

Prof.<sup>a</sup> Associada c/ Agregação da Universidade de Aveiro, Departamento de Educação.

Coordenadora (c/ Cristina Sá) do Laboratório de Investigação em Educação em Português, do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (Universidade de Aveiro). [mariahelena@ua.pt](mailto:mariahelena@ua.pt)

**É SÓCIA DA AICL.**

**JÁ PARTICIPOU EM VÁRIOS COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 18º GALIZA 2012, 19º SEIA 2013**

**TEMA 2.1. A PROMOÇÃO E DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA – CRUZANDO ATORES, VOZES E PERSPETIVAS, M<sup>a</sup> HELENA ANÇÃ, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DIDÁTICA E TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO DE FORMADORES/CIDTFF, UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

**RESUMO**

A interrogação de Oliveira (2013, p. 427) “Que políticas linguísticas para a internacionalização [do português]?” surge como o *leit motiv* para a conceção do texto a apresentar, cuja finalidade é (ainda) interrogar que estratégias, ações e medidas podem ser eficazes na promoção e difusão da língua portuguesa, tanto em Portugal como no estrangeiro. Neste quadro, são revisitados alguns autores portugueses, em textos de índole mais teórica, como ainda algumas vozes de estudantes universitários/futuros professores de português, portugueses, brasileiros e cabo-verdianos nos respetivos países.

**31. MARIA MANUELA RIBEIRA CASCUO, GALIZA**



**PARTICIPA PELA SEGUNDA VEZ DEPOIS DE TER ESTADO NO 18º COLÓQUIO, GALIZA 2012.**

**32. MARIA SEOANE DOVIGO, ACADEMICA CORRESPONDENTE DA AGLP, GALIZA**



**M<sup>a</sup> Seoane Dovigo** nasceu na Corunha, Galiza, em 1972. É licenciada em Filologia Hispânica pela Universidade da Corunha.

Realizou os cursos de doutoramento entre 1995 e 1997 no departamento de Filologia Espanhola e Latina da mesma universidade e obteve a suficiência investigadora com um estudo sobre o exórdio nas retóricas espanholas do século XVI.

Foi bolsista de investigação da Junta da Galiza entre 1995 e 2000, anos nos que trabalhou no seu projeto de tese de doutoramento, dedicado à análise do género do prólogo.

Apresentou diferentes trabalhos em congressos sobre literatura renascentista, edição de textos e literatura galega e colaborou em projetos de investigação sobre as fontes documentais para o estudo do teatro na Corunha e a catalogação de publicações periódicas dos séculos XVI ao XVIII em bibliotecas da Galiza e Portugal.

Desde 2000 reside em Portugal, onde tem exercido funções docentes nas escolas públicas como professora de espanhol/língua estrangeira.

Desde 2010 desenvolve a sua atividade cívica pela sua ligação com a Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, de cuja junta diretiva faz parte desde abril de 2011.

Faz parte do Conselho Consultivo do MIL - Movimento Internacional Lusófono e é coordenadora da sua secção galega.

É académica correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa desde outubro de 2012 e académica de número desde junho de 2014.

Faz parte do conselho de redação do boletim desta instituição, do que é colaboradora habitual, assim como da revista Nova Águia, com trabalhos de divulgação da literatura e cultura de todo o espaço lusófono.

Começou a divulgar a sua produção literária em 2013, com a participação em diferentes encontros de poetas na Galiza e em Portugal, a participação no volume do coletivo poético galego “A Porta Verde do Sétimo Andar”, *Um feixe de*

*poesia na porta*, e a colaboração na revista *Licungo*, do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora.

**PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO GALIZA 2012 E 21º NOS MOINHOS 2014, É SÓCIA DA AICL. TOMA PARTE NA SESSÃO DE POESIA**

**TEMA 2.1. “ENTRE CENTROS E MARGENS: AS DESCOBERTAS POÉTICAS DA IRLANDESA EAVAN BOLAND, DA GALEGA XOHANA TORRES E DA SÃO-TOMENSE GORETTI PINA”, M<sup>a</sup> DOVIGO, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Pretendemos explorar as imagens (metáforas, metonímias, símbolos) e as narrativas (estórias, contos, lendas, mitos) em três livros de três poetisas contemporâneas não ligadas pelo conceito de literatura nacional: a galega Xohana Torres (*Tempo de ría*, 1992), a são-tomense Goretti Pina (*Viagem*, 2012) e a irlandesa Eavan Boland (*In a time of violence*, 1994).

As três são escritoras que escrevem desde múltiplas margens da literatura canónica. Têm em comum ser mulheres e pertencer a comunidades literárias marcadas pela experiência histórica da colonização e também da diáspora.

Ao mesmo tempo, as três escritoras, nunca centrais num hipotético cânon lusófono, desenvolvem na sua escrita, por coincidência, alguns dos considerados grandes tópicos identitários da literatura portuguesa: a viagem e a ilha.

Desde essas margens imaginárias exploram as narrativas históricas e o conceito espacial de nação, e, ao mesmo tempo, atravessam com facilidade as fronteiras temporais entre mito-lenda-vida-instante, assim como as espaciais entre ilha-rio-viagem-migração.

Através da escrita poética encontram novos centros de afirmação da liberdade individual e o compromisso moral consigo próprias e com a coletividade.

**33. MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA)<sup>2</sup>**

Nasceu em Soutelo – Mogadouro (Trás-os-Montes), em 1974 e reside na Guarda, onde fez o estágio profissional na Escola Secundária Afonso de Albuquerque.

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre em Linguística Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Católica – Polo de Viseu e doutorado em

<sup>2</sup> Com o apoio FCT

Linguística (Linguística Histórica) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é docente da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda, desde 2000.

Além da docência tem também desenvolvido a sua atividade como formador do Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP), da Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário (TLEBS), do Acordo Ortográfico (AO 1990) e, mais recentemente, das Metas Curriculares de Português (MCP). Com participação em diversos congressos, em alguns deles com apresentação de comunicação, a área de investigação centra-se na morfologia e no léxico da língua portuguesa.



**TEMA 2.5. NOVOS CONTRIBUTOS DE ANTEDATAÇÕES AO DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA)**<sup>3</sup>

A origem e a primeira atestação dos vocábulos na língua portuguesa continuam a despertar o interesse pelo estudo desta área da história da língua portuguesa. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* continua a ser a referência base de datação das palavras da língua portuguesa. No entanto, alguns verbetes, graças a investigações posteriores à sua edição, apresentam já uma datação desatualizada. No seguimento das palavras dos seus autores, relativamente ao campo da datação, este dicionário reflete o propósito “de registar os dados cronológicos disponíveis, no pressuposto de que qualquer datação fornecida está sempre sujeita a revisões e complementações.” É neste sentido que apresento mais um contributo de antedatações, tendo por base a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, como, por exemplo, *agomer*, *alar*, *amaçarocado*, *azambujal*, entre outras.

**1. INTRODUÇÃO**

O enriquecimento do léxico, quer através da importação, quer de recursos morfológicos internos, é um processo intemporal na língua. E se não há dúvida que Camões é o grande mentor com a introdução de novas palavras na língua, sobretudo latinismos, também as não há de que antes dele outros contribuíram para o seu engrandecimento. A prova de que este é um processo intemporal temo-la com vários autores anteriores e posteriores ao Renascimento. Porém, existe a convicção de que é a partir do século XV que tal processo se começa a evidenciar, para atingir o seu auge no século XVI, consequência natural do Renascimento e da importância que as leituras dos clássicos então alcançaram. No entanto, um século antes, quer a prosa didática, levada a cabo pela produção régia, quer a histórica, pelos cronistas, haviam já aberto o caminho. É nesta prosa histórica, nomeadamente na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Zurara (ZURP) que se registam algumas palavras atestadas, ao que pude apurar, pela primeira vez na língua portuguesa.

**34. MARLIT BECHARA, RIO DE JANEIRO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL -**



**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.**

**PARTICIPA DESDE 2007 NOS COLÓQUIOS**

**35. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO,**  
NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75).

<sup>3</sup> Com o apoio de  FCT  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.



Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.



[www.norberto-avila.eu](http://www.norberto-avila.eu) / [www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto\\_Avila](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Avila)  
[oficinadescrita@gmail.com](mailto:oficinadescrita@gmail.com)

### É SÓCIO AICL

TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013 E 21º NOS MOINHOS 2014

### TEMA 2.3. ALGUM TEATRO, NA INTERNET, AO ALCANCE DE UM CLIQUE

Sendo já volumosa a informação disponível na Internet sobre a minha criatividade literária (que engloba o conto, o romance, a poesia e o teatro), retenhamos apenas este último género.

E, sendo os *Cadernos Açorianos* uma meritória iniciativa da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, consideremos o nº 16, que gostosamente aceitei me fosse dedicado e se encontra *online* desde 2012. Abstraindo os poemas e os trechos de ficção narrativa, fiquemos então pelo teatro.

Das 30 obras dramáticas que escrevi até agora duas são dedicadas a assuntos extraídos da Mitologia Grega: **O Marido Ausente** (mito de Penélope) e **Uma Nuvem sobre a Cama** (mito de Anfitrião).

E desta última (comédia erótica, escrita para o Teatro de Portalegre em 1990 e recentemente analisada em Génova, num ensaio universitário de Ferruccio Bertini) consta uma cena no referido *Caderno Açoriano*.

Sósia, escudeiro de Anfitrião, confessa-lhe, penosamente, não ter conseguido entregar a Alcmena (mulher do general tebano) a mensagem que levava. Porque lhe surgiu ao encontro um outro “Sósia”. (Melhor dizendo: Hermes, mensageiro dos deuses, na figura e trajas do desastrado escudeiro.) Pelo que o castigo ao servo não se faz esperar.

O furibundo militar exige-lhe a entrega de uma das sandálias, que ele se apressa a atirar energicamente para um precipício. E diz: “Irás assim para Tebas: Pé calçado, pé descalço. Uma despromoção! A despromoção que bem mereces!”

Entretanto, Zeus, disfarçado de Anfitrião, seduziu Alcmena; Hermes, disfarçado de Sósia, seduziu Calipsandra.

Lá mais para o fim da comédia – e isto vai em jeito de aperitivo para a leitura integral da obra – dirige-se HERMES (mensageiro dos deuses, não esqueçamos) a Alcmena: “Tenho o grato prazer de anunciar-te que, chegado o devido tempo, darás à luz um filho divino.” “Um filho divino?!” espanta-se a virtuosa. E exclama ANFITRIÃO: “Pelo pirilau de Zeus!” (É a sua imprecação predileta.)

**36. PEDRO PAULO CÂMARA, PROFESSOR NA CASA DO POVO DAS FETEIRAS, S MIGUEL, AÇORES, PARTICIPANTE PRESENCIAL**



Pedro Paulo Câmara lançou o seu primeiro livro de poesia, *Perfumes*, em 2011. Participou no Concurso "Jovem Criador Aveiro 2012", tendo sido distinguido com menção honrosa, com o conto "Madrugadas", que recebeu exposição no Museu de Aveiro. Tem escrito letras para Marchas Populares e canções. É regularmente convidado para participar em palestras como orador e para saraus de poesia como declamador. Em 2013 publicou na Pastelaria Studios Editora o livro de poemas SALIÊNCIAS e em 2014 na Editora Letras Lavadas, o romance AS CINZAS DE SABRINA.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ.**

**37. PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, PORTUGAL**



Perpétua Santos Silva é socióloga, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação "Desigualdades, Migrações e Territórios".

Desenvolve o seu trabalho sobre a realidade de Macau, tendo as suas teses de mestrado e de doutoramento tratado a temática da língua portuguesa nesta Região.

As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e

identidades. Tem desenvolvido investigação sobre a temática da língua e da cultura portuguesas em Macau.

É SÓCIO DA AICL.

MODERA SESSÕES.

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2009, 2010, MACAU 2011, GALIZA 2012, MAIA 2013, MOINHOS 2014.

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

TEMA 1.8 A LÍNGUA PORTUGUESA COMO TRAÇO DISTINTIVO NO CONTEXTO MULTICULTURAL E PLURIÉTNICO DE MACAU, PERPÉTUA S SILVA, INVESTIGADORA DO CIES – IUL

**RESUMO**

As línguas são sem dúvida traços culturais importantes na diferenciação de minorias, e embora não sejam apenas relevantes enquanto marca distintiva de determinado grupo de falantes esta é, também, matéria em que têm uma grande importância.

A este respeito, num contexto multicultural e pluriétnico como é o de Macau, não há dúvidas quanto à centralidade da língua portuguesa entre os traços culturalmente distintivos, surgindo, muitas vezes, associada a sociabilidades marcadamente intraétnicas, como instrumento de fechamento relacional.

E esta questão é tanto mais importante quanto põe em evidência a necessidade de efetuar escolhas linguísticas que colocam o português em contraponto com o chinês e outras línguas, tendo este contraponto relevância acrescida se considerarmos a importância que a língua portuguesa apresenta nas narrativas de promoção identitária de alguns segmentos da população de Macau.,

**38. RAUL LEAL GAIÃO, INVESTIGADOR**

**RAUL LEAL GAIÃO**, Mestre em Língua e Cultura Portuguesa/Estudos Linguísticos, com a dissertação de *Aspetos Lexicais na Obra de Autores Macaenses* (publicada).

Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciado em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Colaborador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Colaborador do Dicionário Houaiss da Língua

Portuguesa. Desenvolve investigação na área do falar/dialeto macaense, tendo escrito e publicado vários artigos:

- “Línguas de Macau” in *Dicionário Temático da Lusofonia*.
- “Nhónha-nhónha – A Reduplicação no Crioulo Macaense”, in *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa*.
- “Asiaticismos no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, in *SIMELP, I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*.
- “Asiaticismos no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, in *Atas/Anais 4º Encontro Açoriano da Lusofonia*.
- “Representações do crioulo macaense”, in *SIMELP*



É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU EM MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013

3.3. AÇORIANOS EM MACAU – D. JOÃO PAULINO: “DA ATIVIDADE PASTORAL À DIVULGAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA” RAUL LEAL GAIÃO

### SINOPSE

O texto pretende dar a conhecer a ação em Macau de D. João Paulino de Azevedo e Castro (Lajes do Pico, 4/2/1852 – Macau, 17/2/1918), na sequência de outros textos sobre personalidades açorianas em Macau.

D. João Paulino desenvolveu uma dinâmica ação pastoral na Diocese de Macau, diocese que abrangia, na época, uma vasta área do sueste asiático. Esta ação traduziu-se nas visitas às missões católicas de Timor (com a criação e reorganização das suas missões), a Singapura, Malaca e Hainan (na China), no incremento da instrução, criando escolas e colégios e intensificando a ação educativa do Seminário de S. José que desempenhou um papel central na educação em toda a diocese.

Para além da preocupação com a definição da situação jurídica e missionária do Padroado Português no Oriente, refletida na publicação, em 1917, de *Os Bens das Missões Portuguesas na China*,

D. João Paulino focou-se empenhadamente no ensino e divulgação da Língua Portuguesa no seio da comunidade macaense que, devido às ligações a Hong Kong e por razões económicas e sociais, estava mais motivada e orientada para a aprendizagem da língua inglesa.

O prelado dedicou à Língua Portuguesa a pastoral *Estudo da Língua Portuguesa e amor à Pátria*, incentivando ao seu estudo, pelo facto de ser a língua de nossos pais, pela contribuição para a promoção e desenvolvimento do homem, pela riqueza da sua literatura e de todo o acervo cultural, e por ser a língua de um povo grandioso e língua universalmente falada em diversas partes do mundo.

### 39. ROLF KEMMLER, ALEMANHA

*Rolf Kemmler*, Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desde julho de 2009.

Doutorado em Filologia Românica (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a tese intitulada *A Academia Ortográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, publicada em 2007.



Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 pela Eberhard-Karls Universität de Tübingen (Alemanha) com uma tese intitulada *Esboço para uma História da Ortografia*

*Portuguesa* (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com grande número de publicações dedicadas à disciplina da historiografia linguística desde 1996, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramaticografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Rolf Kemmler é membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada (ICPD) e do Instituto Açoriano de Cultura (IAC).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014.

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO 22º COLÓQUIO, MODERA SESSÕES

TEMA 2.6. AFINAL, QUEM SÃO OS DONOS DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA? 2 ROLF KEMMLER (VILA REAL)\*

### 1 INTRODUÇÃO

Depois do ato formal de assinatura em Lisboa em 16 de dezembro de 1990, foi após algumas vicissitudes que o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (AOLP 1990) passou a entrar em vigor em Portugal no dia 1 de janeiro de 2012, isto apesar de a 'nova' convenção ortográfica já ter sido ratificada no dia 4 de junho 1991. No entanto, a própria natureza do documento legal deixa claro que se deve ter consciência do facto de a referida data da entrada em vigor ser vinculativa somente para os agentes do ensino público e a função pública na sua generalidade.

Apesar disso, sabe-se que boa parte dos meios de comunicação social em Portugal já aderiu mesmo antes da medida pelo governo português (cf. Kemmler, 2011a: 294-295) – o que aconteceu sem a existência de qualquer vínculo legal obrigatório ao sistema ortográfico oficializado pelo Estado Português.

É inegável que houve, ao longo dos últimos anos, várias medidas tanto públicas como particulares para uma adoção e implementação do AOLP (1990) não somente em Portugal, como também no Brasil (onde o AOLP 1990 consta encontrar-se largamente implementado desde 1 de janeiro de 2009, apesar da recente mudança da data definitiva de obrigatoriedade para 1 de janeiro de 2016) e nos outros países signatários (hoje países membros da CPLP).

Tivemos ocasião de demonstrar ao longo de várias publicações, dedicadas ao passado remoto e à atualidade desta reforma ortográfica mais recente (entre as

quais se destacam Kemmler, 2001, 2009, 2011a, 2011b), que, pelo menos, desde o ponto de vista histórico, a questão ortográfica sempre esteve sujeita a vicissitudes políticas, que fizeram com que, na realidade, os acordos ortográficos de 1931 e 1945 levassem tanto ao fracasso, como a tentativa para um acordo em 1986. Somente o que se pode chamar o 'pequeno acordo ortográfico' de 1971/1973 não sofreu qualquer contratempo, alterando os respetivos sistemas ortográficos de 1943 (no Brasil) e 1945 (em Portugal).

A menos de um ano antes da data-limite legal da obrigatoriedade definitiva do atual 'código da escrita' em Portugal (a partir de 13 de maio de 2015), em semelhança ao 'Velho do Restelo' camoniano persistem as vozes que se manifestam contra o AOLP (1990), pretendendo manter-se fiel às normas do regime ortográfico anterior de 1945/1973, promulgado pelos respetivos governos de António de Oliveira Salazar e de Marcello Caetano. Face, enfim, às incessantes reivindicações que visam uma participação mais ampla em decisões em matéria ortográfica, convém abordar a questão a quem, afinal, 'pertence' a ortografia da língua portuguesa e a quem cabe tomar decisões sobre ela. A nossa perspetiva incide sobretudo sobre a situação portuguesa, extensiva, em última medida e por força de convénios internacionais devidamente ratificados, para os países membros da CPLP no atinente ao AOLP (1990).

### 40. SUSANA TELES MARGARIDO, ESCRITORA AÇORIANA, ASSISTENTE PRESENCIAL



#### AUTORA INFANTOJUVENIL DE

- 2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1ª Ed Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,
- 2005, Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta Delgada, Ed DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades
- 2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, Ed Instituto Ação Social
- 2007, Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa
- 2008, Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores, Artes E Letras

2008, O menino perdido, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2ª Ed Junta de Freguesia de Rabo de Peixe  
2009, Minha querida avó, ilustrações de Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto  
2009, De outra cor, com Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades  
2009, Um natal encantado, Maia, Ed Livro Direto  
2009, Sou diferente, sou fantástico, com Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, DRIO  
2009, Diário do meu segredo, ilustrações de Abigail Ascenso, Ed SRTSS, DRIO  
2010, O anjo do lago, com Fedra Santos, Maia, Ed Livro Direto  
2011, Minha querida avó. Ed Livro Direto

**TOMA PARTE NAS SESSÕES DE POESIA. PARTICIPA PELA 2ª VEZ DEPOIS DO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS 2014**

#### **41. TATIANA GUZEVA, UNIVERSIDADE AVEIRO, RÚSSIA**



**Tatiana Guzeva**, Licenciada em Língua e Literatura Russa - Universidade Humanitária de Bichkek, Quirguistão, e em Linguística Alemã - Universidade Nacional Estatal do Quirguistão. Está a desenvolver o projeto de doutoramento “Educação em Português para falantes de língua russa: as expressões idiomáticas entre línguas e culturas”, coordenado por Professora M<sup>a</sup> Helena Ançã, na área de Português Língua Não Materna, do Laboratório de Investigação em Educação em Português, estrutura do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores. Projeto aprovado e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ref. SFRH/BD/69987/2010. Universidade de Aveiro. [tatiana.guzeva@ua.pt](mailto:tatiana.guzeva@ua.pt)

**M<sup>a</sup> Helena Ançã.** Professora Associada com Agregação do Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores/CIDTFF  
Coordenadora do Laboratório de Investigação em Educação em Português/LEIP, responsável pela linha: Português Língua Não Materna.  
Diretora do Curso de Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e de Língua Estrangeira [Alemão, Espanhol, Francês] nos Ensino Básico e Secundário [mariahelena@ua.pt](mailto:mariahelena@ua.pt)  
**PARTICIPOU NO 20º COLÓQUIO EM 2013 SEIA**

**TEMA 2.1 EDUCAÇÃO EM PORTUGUESA PARA FALANTES DE LÍNGUA RUSSA: INTEGRAÇÃO E INTERCULTURALIDADE, TATIANA GUZEVA, M<sup>a</sup> HELENA ANÇÃ, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DIDÁTICA E TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO DE FORMADORES - UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

#### **RESUMO**

Com a imigração do Leste Europeu em Portugal, emergiu uma nova situação no cenário educativo português: o ensino de Português Língua Não Materna, para uma comunidade tão diversificada em termos linguísticos e culturais que procura integrar-se no país de acolhimento, onde o conhecimento da Língua Portuguesa (LP) é essencial. Neste âmbito, desenvolvemos um estudo prévio, parte de um projeto de doutoramento<sup>4</sup>, com a finalidade de refletir sobre a Educação em Português para falantes adultos de Língua Russa (LR). Realizámos entrevistas semiestruturadas a locutores não especialistas: a russosfalantes sobre o português e a portugueses sobre a língua russa. Analisámos o seu perfil sociolinguístico, identificámos e cruzámos os seus comentários ‘vulgares’, na perspetiva de *Folk Linguistics*. Os russosfalantes demonstram algum domínio da língua aprendida por imersão, no entanto apontam dificuldades linguísticas, sobretudo ao nível morfosintático, lexical e semântico. Apesar da sua prolongada estadia em Portugal, ainda se autorrepresentam como culturalmente diferentes, afirmando necessidade de aprofundar a LP e de se integrarem. Os portugueses sublinham que a falta de domínio linguístico daqueles é o primeiro obstáculo encontrado para a integração social. Revelam, ainda, alguns estereótipos relativos ao ‘Imigrante de Leste’ que dificultam a proximidade entre os grupos. Assim, os comentários de ambos os grupos evidenciam a importância da educação e do contexto (socio)cultural para uma aprendizagem eficiente da

<sup>4</sup> O projeto intitulado “Educação em Português para falantes de língua russa: expressões idiomáticas entre línguas e culturas” é desenvolvido no âmbito do LEIP (Laboratório em Investigação em Educação em Português / Linha 2)/ Universidade de Aveiro, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Ançã, aprovado e financiado pela FCT, SFRH/BD/69987/2010.

LP, promovendo a interculturalidade. Face a estes resultados, torna-se necessário implementar estratégias didáticas que contribuam para ampliar o conhecimento linguístico e cultural dos russos falantes de forma a promover a sua integração no país de acolhimento.

**GRUPOS TIMOR FURAK E LE ZIAVAL DANÇA E MÚSICA DE TIMOR-LESTE**

<b>CÉLIA GRACIELA DO REGO SARMENTO</b>	<b>GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK</b>
<b>LUÍSA DE MARILAC HOFLOWER SOARES PEREIRA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>IVETE DE FÁTIMA SARMENTO DE OLIVEIRA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>MÁRCIA DE JESUS SARMENTO DE OLIVEIRA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>LÚCIA MARIA DE FÁTIMA COSTA TILMAN</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>LAURINDA DE SOUSA SANTOS ALMEIDA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>VIRNA ANTÓNIO DE CASTRO NUNES</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>DIONEIA DOMINGAS ANTONIETA SOARES DE CARVALHO</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>REMINGTON ROSÁRIO RIBEIRO SOARES</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>JOÃO PAULO BAPTISTA DA COSTA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>JOANICO ESPANHOL PINTO</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>CORNÉLIO MAU</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>VICTOR MARIA LOPES GRANADEIRO</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>HELDER LUÍS DE JESUS XIMENES DE OLIVEIRA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>LUCÉLIA FÁTIMA DE JESUS ARAÚJO HENRIQUES</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>MARIA JOSEFINA DE DEUS DA CRUZ</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>LISETE MATOS GOMES PEREIRA DA ROSA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>MÁRCIA DE JESUS SARMENTO DE OLIVEIRA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>JOSÉ MARIA DOS SANTOS XIMENES</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>HELDER LUÍS DE JESUS XIMENES DE OLIVEIRA</b>	GRUPOS LE ZIAVAL E TIMOR FURAK
<b>ISABEL FRANCISCA</b>	







---

**<sup>1</sup> Poemas do Chrys na Sessão de Poesia**

**654. les parapluies de cherbourg, 2014 SU MARGARIDO**

quando a louca de chaillot  
encontrou as demoiselles d'avignon  
virginia woolf deu um brado  
aos pássaros de hitchcock  
e bob dylan lamuriou  
the times, they are a changing

**505. o buda 5 maio 2011 CHRYS**

o buda sorriu à minha mulher  
descrente de orientes  
e ela acreditou

queimou incenso e orou

quem sabe se a saúde cura  
e a vida prospera

serena aguarda  
que o buda sorria de novo

**652. literários voos, moinhos, maio 2014 SU MARGARIDO**

o pássaro furtivo  
veio debicar a palavra  
migalha de frases  
que o poeta jorrara

na ilha do arcanjo  
e noutras ilhas dos açores  
os pássaros chilreiam poesia

---

**524. reinvenção do amor, a daniel filipe, outubro 2011 CHRYS**

o pássaro descreve o seu voo  
na sinusoide deste tempo  
a voz e a palavra são campos floridos  
evocam verdes infâncias

é preciso inventar o amor  
com caráter de urgência  
dizia Daniel Felipe

mas são precisos homens e mulheres  
dispostos a amar  
capazes de ouvir e perdoar

os sentimentos podem esfriar  
mas não se gastam  
nem devem ser mudados  
com a frequência das camisas  
não são fraldas descartáveis

precisam de ser regados  
com a humidade das neblinas  
e o orvalho das lágrimas  
neste deserto com vozes

a felicidade é um mito  
o mundo é um inferno  
a paixão uma utopia

e tu acreditas, meu amor?  
andam pássaros à solta nos jardins de Eros

**603. pátria a saldo, 2013 SU MARGARIDO**

em dias de glória  
conquistamos mundos  
monstros adamastores  
cabos das tormentas

políticos traidores  
vendedores de pátrias  
novos senhores  
desbaratadores de reinos  
exterminadores de idosos  
hipotecadores de jovens

e eu sem gládio  
nem escudo que me defenda  
e o povo no seu torpor  
sem revolta que o liberte  
caminha para o estertor

**528. ah como eu gostava 16/11/2011 CHRYS**

portugal lembra o filho ingrato  
que sai de casa levando as malas  
cresce como um sem-abrigo  
vivendo de expedientes  
sujo, maltrapilho e destituído  
orgulhosamente só mas dependente  
altivo olha a galiza do tempo dos aguadeiros  
da pobreza, fome e sofrimento  
e sente-se superior  
não reconhece pai ou mãe  
nem partilha um cobertor  
comporta-se como assaltante  
aliado ao invasor  
esqueceu a história e perdeu os genes

ah como eu gostava de ser galego

**617. geometrias, moinhos 02 ago 2013 SU MARGARIDO**

a elipse veio à janela  
mordaz sorriu com malícia  
lenta, descreveu um círculo  
com um dichote brejeiro  
triangulou um piscar de olho

e numa hipérbole sensual  
com uma risada estrídula  
sentou-se quadrada no meu colo

**632. ser açoriano, moinhos, 19/8/2013 chrys**

não se é ilhéu  
por nascer numa ilha  
é preciso sentir-lhe a alma  
partilhar raízes e dores  
acartá-la nos partos difíceis  
tratá-la nas enfermidades  
acariciá-la nas alegrias  
plantar, semear e colher seus frutos  
alimentar as suas tradições  
preservar a sua identidade

não se é açoriano  
sem amar as suas ilhas  
levá-las ao fim do mundo  
morrer por elas  
com elas  
para elas

**644. AO CRISTÓVÃO DE AGUIAR 2011 SU MARGARIDO**

descobriram no pico  
marroços milenares  
piramidais construções  
galerias ocultas  
sem múmias nem tesouros  
sem origem nem fim conhecido  
falaram de fenícios, cartagineses  
gente da pré-história

mas a verdadeira pirâmide  
reside mais a norte  
em s miguel arcanjo  
numa atulhada falsa  
com vista para s. roque

---

é a universal biblioteca  
da nova alexandria

é lá que todas as noites  
os livros se põem a dançar  
debatem e trocam impressões  
dão conselhos e admoestações  
referem prodigiosas citações  
partilham bailhos e saber  
da universidade da açorianidade

sob o olhar grave e atento  
do cristóvão de aguiar

**621. randwick Sydney 2013 CHRYS**

acordei ao som das kookaburra  
agitando o jacarandá e a waratah  
planta nativa no brasão estadual

da varanda avistei o mar em bronte  
sem ouvir o pequeno ribeiro de randwick  
respirei aquela paz profunda  
antes de sair para o bulício de sydney

...

parafraseando emanuel félix  
pode-se amar uma casa?  
sim, mas a casa nunca mais  
será a mesma  
e uma casa amada  
jamais será esquecida

**665. canseiras, 2014 SU MARGARIDO**

*a canseira da vida  
só vale a pena  
se for vivida*

---

*[que a canseira da morte  
nunca vale a pena  
ser morrida]*

**525. Galiza como Hiroshima mon amour, 2011 CHRYS**

acordaste e ouviste o teu hino  
bandeira desfraldada ao vento  
ao intrépido som  
das armas de breogán  
amor da terra verde,  
da verde terra nossa,  
à nobre lusitânia  
os braços estende amigos,  
desperta do teu sono  
pega nos irmãos  
caminha pelas estradas  
ergue bem alto a tua voz  
diz a quem te ouvir quem és  
orgulhosa, vetusta e altiva  
indomada criatura  
nenhum poder te subjugará  
nenhum exército te conquistará  
nenhuma lei te aniquilará  
és a Galiza mon amour

**559. ALABOTE 2012 (AO VASCO PEREIRA DA COSTA) SU MARGARIDO**

o mar de novo  
e sempre  
as ondas e a espuma  
sem sabor a maresia  
esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar  
numa ilha

**590. a alma dos poetas, 3 junho 2013 CHRYS**

não sei da alma dos poetas  
nem mesmo da do ramos rosa  
não conheço o cheiro da poesia  
nem mesmo do nuno júdice  
nem sei a cor de qualquer verso  
nem mesmo do alexandre o'neill  
perco-me em Maiakovski  
visito o uivo de allen ginsberg  
por entre as denúncias de daniel filipe  
e os alertas de lawrence ferlinghetti

não sei da alma dos poetas  
não sei nem dos poetas  
emigraram todos desgostosos  
fugiram envergonhados  
desta escravidão que nos impõem  
destas grilhetas invisíveis  
meros robôs em mundos alternativos  
comandados à distância  
dentro de um jogo de computador  
a que insistimos em chamar vida  
e alguém joga com ela  
sem o sabermos

não sei da alma dos poetas  
não sei dos poetas  
não sei da vida

**541. JOANA FÉLIX POETA FELIZ QUE NÃO FÉNIX 2012 SU MARGARIDO**

joana caminhava  
nas negras areias  
carregava a pesada cruz  
dos sapatos do pai  
não deixava pegadas  
na leveza do seu ser  
era onda era maré  
maremoto de palavras  
figura gentil e frágil  
caravela de mil descobertas

escrevia amor  
nas entrelinhas do pai  
acordou e era poeta  
na leveza do seu ser  
por mérito próprio  
nascera de novo  
joana de mil sorrisos  
porto de mil abrigos  
cais de mil partidas

estas as palavras que eu disse  
e joana se fez livro e partiu  
à descoberta do mundo  
que era seu como o infinito  
neste rio sem margens  
nascido na praia com aban  
trazia nos cabelos a brisa do mar  
e nos lábios as cerejas geladas do japon  
dizia que depois de escritas as palavras tinham vida  
mas ainda não tinha aprendido a vivê-las  
com os anjos que habitam na terra.-

**507 TANTO MAR (AO VASCO) [2011] CHRYS**

NO BOEING 747  
entre nuvens escrevo  
tanto mar  
e nele flutua  
a tua prosa  
tanto mar  
e não cabem nele  
os teus fogos ocultos  
pairando sobre as ilhas  
te deram vida  
sustento  
inspiração  
tanto mar,  
no teu pequeno bote  
prenúncio de liberdades

cravos e rosas

espinhos e espigas  
tanto mar  
tanta montanha  
vulcões por trepar  
marroços por construir  
baleias por harpoar

pescador de palavras ilhiadas  
lavrador de poemas  
da prainha do pico  
à heroica angra  
ao choupal das letras  
tanto mar  
e não cabem nele

teus livros por acabar.

**527. homenagem a Luiz Vaz de Camões Leonor sem verdura nem frescura  
2011 SU MARGARIDO**

**Luís Vaz de Camões**

Descalça vai para a fonte  
Leonor pela verdura;  
Vai fermosa, e não segura.

Leva na cabeça o pote,  
O testo nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamelote;  
Traz a vasquinha de cote,  
Mais branca que a neve pura.  
Vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,  
Cabelos de ouro entrançado  
Fita de cor de encarnado,  
Tão linda que o mundo espanta.  
Chove nela graça tanta,  
Que dá graça à fermosura.  
Vai fermosa e não segura.

**Chrys Vale Tostões**

Descalça vai para a farra  
Leonor pela noitinha  
Vai trémula pela cocaína

Leva preservativo na calcinha  
Pílula do dia seguinte na bolsinha  
Tanga de fina seda encarnada  
Minissaia de cabedal rascote  
Não usa sutiã no decote  
A pele branca que nem neve pura  
Vai trémula pela cocaína

Cantarola já rouca a garganta  
Cabelo desgrenhado  
Bandolete china de plástico usado  
Tão pedrada que a todos espanta  
Engole o ecstasy de graça tanta  
Que dá graça à pouca gordura  
Vai trémula pela cocaína

**594. autonomias nominais (FLA, 6 junho 2013 CHRYS**

*“para saberes quem te governa descobre  
quem não podes criticar”*

*Voltaire*

hoje acordei sem voz  
sem mãos,  
sem pés  
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores  
arquipélago de mil autores  
num fiasco de autonomia  
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam  
em busca de subvenções porfiam  
melhor é ficar mudo e quedo  
viver dos subsídios esmoleres  
submissos e acomodados  
pobres despreocupados  
servos enfeudados  
ingénuos explorados  
na eterna espera de Godot  
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores  
ilhas de mil e uma dores

**615. brumas 02 ago 2013 SU MARGARIDO**

eram de espuma  
as palavras  
eram de sal  
as ondas  
eram de gaze  
as nuvens  
eram de orvalho  
as lágrimas

eram de névoa  
os montes  
o verde surreal  
as lagoas  
eram de medos  
os vulcões  
e procissões  
eram de espuma  
as ilhas dos açores

**529. HOMENAGEM A NATÁLIA CORREIA 2011 CHRYS**

em homenagem a Natália Correia - **Poema destinado a haver domingo**  
*Deixem ao dia a cama de um domingo  
Para deitar um lírio que lhe sobre.  
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo  
Seja o teto da casa que me cobre  
Baste o que o tempo traz na sua anilha  
Como uma rosa traz abril no seio.  
E que o mar dê o fruto dum ilha  
Onde o Amor por fim tenha recreio.*  
Natália Correia, Poesia Completa, Publicações Dom Quixote 1999

hoje  
decididamente  
vou escrever um poema  
dedicado aos feriados  
que nos roubaram  
decreto  
que todos os dias  
feriados sejam abolidos  
os dias da semana  
também  
e para não esquecermos  
tais dias e feriados  
se comemorem todas as datas  
ao domingo

e seja domingo todos os dias  
(e se nos convertermos ao catolicismo  
não poderemos trabalhar ao domingo)

**449. eros nos jardins de leste. dili nov. 25, 1974**

os corpos se venderam  
por dez reis de nada  
assim se serviam  
do que criam inútil  
e se davam  
fáceis e apáticas  
faziam amor  
como quem respira  
isto é  
o rimo cósmico da órbita do poema  
descrevia uma senoide irregular  
e de tanto engravidarem  
sentiam na carne  
o vício de todas as necessidades  
e de tantas fomes acalentarem  
o instinto as agulhoava  
nascituras  
logo então vitimadas  
- eros senhor e amo nos jardins de leste –  
pequenas  
saracoteantes  
delicado delinear  
de dietas forçadas  
figuras de cabaia e lipa  
dos agrestes picos montesinos  
às estéreis planuras  
frágeis ninfas  
na terra que "o sol em nascendo vê primeiro"  
diac ca lai? la diac malai  
e a gente compra  
escudo iha . né  
la coi! ata!  
lima escudo

cabeça bulak! menina lá diac... ossam bárac

lulic

loro mai massimida  
os lábios de carmim da viva cal e da harecan

haneçam laha malirin.

**548. queria ser toké 2012 chrys**

eu queria ser tóké e contar o que vi  
desde que partiste em 1975  
queria saber falar  
dar os nomes os locais e os atos  
de todas as atrocidades, violência e mortes  
que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser tóké e escrever tudo  
queria contar o que não querem que se saiba  
queria contar o que não queriam que se visse  
queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos  
que extinguiram a nossa história  
como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas  
todos os que foram chacinados  
violados, torturados e obnubilados  
voar com as crianças que morreram de fome  
as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te timor  
e não posso senão escrever palavras  
lembrar teu passado heroico  
sonhar futuros ao teu lado

**450. o teto do mundo. dili, dez 3, 1974**

como romper as palavras?  
o som e o lamento do ai-tassi

sagrado lenho

em ti se moldaram  
faces e rugas milenárias

nas mãos vazias viaja o passaporte  
caminhos de teto do mundo

para que não sucumbas hoje  
há muitas mortes nos amanhãs

teus pés ligeiros voam vinte quilómetros  
o cacho solitário que colheste  
bananas com que não matas as fomes  
enganas *malai* com parco lucro

escudo *lima*<sup>i</sup>

e teu rosto infantil e puro

sorria

vendeste a sobrevivência duma semana

caminhas curvado e galgas montanhas  
teus os reinos de railaco e tatamailau<sup>i</sup>  
na cal e harecan misturas o prazer e o engano  
também teu estômago sorri confiante  
também tua a linguagem do corpo

no regresso de braços dolentes

firme em teu braço direito

o teu combate de penas

pobre mercador de ilusões em galos de luta  
acaricias teu ganha-pão

e apostas mais

sempre mais

são tuas as lágrimas

a revolta e a derrota

é teu o sangue e o alimentaste  
guardas o estilete acerado

não decepou medos

por isso retornas e teu sorriso é jovem

são tuas as planícies e as ribeiras  
as torrentes inundaram o arrozal

levaram pontes e caminhos

e ris do grande engenheiro *malai*

como do búfalo do china luís  
navegando rumo à liberdade  
nem pensas na tua

das árvores pendem camarões doces do rio  
e o pequeno jacaré

faz o cruzeiro oceânico ribeira de seiçal-dili

*maromác'* sabe  
*maubere é diac'* le vai passar

esse o lado outro do abismo.

**547. eleições sem lições em timor, 2012 chrys**

dili 23 setembro 1973  
cheguei a timor português  
sem o saber nunca mais nada será igual  
o futuro começa hoje e aqui  
entrei no tempo da ditadura  
sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,  
imagens e odores  
sonhos de pátria e amores  
divórcios e outras dores  
cheguei sem bandeiras nem causas  
parti rebelde revolucionário  
tinha uma voz e usei-a  
tinha pena e escrevi sem parar  
para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura  
24 de luta independentista  
agora que a lois vai cheia  
e não se passa na seissal  
já maromác se apaziguou  
crescem os lafaek nos areais  
perdida a riqueza do ai-tassi  
gorada a saga do café  
resta o ouro negro  
para encher bolsos corruptos

sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas  
sem luz, água ou telefone  
repetindo gestos seculares  
mascando sempre mascando  
o placebo de cal e harecan  
mas com direito a voto  
para escolher quem o vai explorar  
sob a capa diáfana da lei e ordem  
do cristianismo animista

oprimido sim mas enfim livre.

**551. lágrimas por timor, até quando? 16 julho 2012**  
*in memoriam armindo soares pereira*

confesso sem vergonha nem temores  
hoje os olhos transbordaram  
lágrimas em cascata como diques  
pior que a lois quando a chove

nas covas e nas valas comuns  
muitos se agitaram com a morte gratuita  
poucas vozes serenas se ouviram  
velhos ódios, vinganças acicatadas  
o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo  
de governar para todos  
acima de agendas pessoais

de partidos

temos de ultrapassar agosto 75  
udt e fretilin  
a invasão indonésia e o genocídio  
faça-se ou não justiça  
é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão  
um sonhador, um utópico  
um poeta como xanana já foi

alguém que ame timor  
mais do que ama suas crenças  
mais do que ama suas ideias  
mais do que ama sua família  
talvez mesmo uma mulher  
sensível e meiga  
olhar almendrado  
pele tisonada  
capaz de amar  
impulsiva para acreditar  
liberta de injustiças passadas  
solta de ódios, vinganças e outras  
capaz de depor as armas  
todas e liderar.

**549. alucinação na areia branca de timor 2012 chrys**

era maio em 1975  
havia luar na areia branca  
sem ondas na ressaca  
caranguejos azuis na fina areia  
baratas voadoras à frente dos faróis  
eram pequenos os lafaek e raros  
quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em dili  
o escuro dos montes

entre nós e o ataúro  
deslizavam barcos espíões  
antecipavam a komodo  
ensaivavam invasões

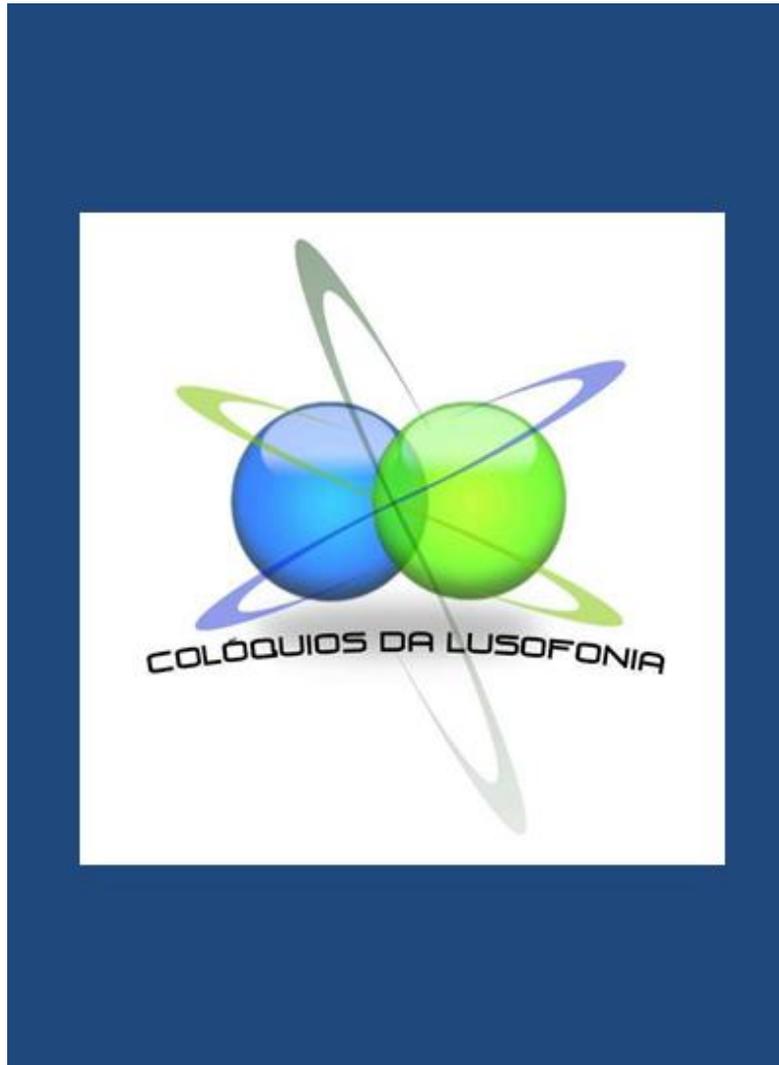
corri a alertar  
ninguém quis ouvir  
escrevi e denunciei  
chamaram-me alucinado

nunca imaginei o genocídio

**550. timor nas alturas 2012 chrys**

queria subir ao tatamailau  
pairar sobre as nuvens  
das guerras, do ódio, das tribos  
falar a língua franca  
para todos os timores  
queria subir ao matebian  
ouvir o choro dos mortos  
carpir os heróis esquecidos  
queria subir ao cailaco e ao railaco  
consolar as vítimas de liquiçá  
beber o café de ermera  
reconstruir o picadeiro em bobonaro  
tomar banho no marobo  
ir à missa no suai  
buscar as joias da rainha de covalima  
passar a fronteira e voltar  
chorar todos os conhecidos e os outros  
e quando as lágrimas secassem  
regressaria à minha palapa imaginária  
à mulher mais que inventada  
oferecer-lhe um pente de moedas de prata  
percorrer as suas ribeiras e vales  
sussurrar por entre as folhas do arvoredado  
navegar nos seus beiros  
rumar ao ataúro e ao jaco  
desfrutar a paz e as belezas ancestrais  
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam  
os insetos projetados contra as janelas  
atraídos pela luz do petromax  
a infância e a juventude são como uma bebedeira

todos se lembram menos tu



# **XXII COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2014**

## **Programa**

### **SINOPSES E BIODADOS**

Seia (Serra da Estrela)

ISBN: 978-989-8607-04-1



